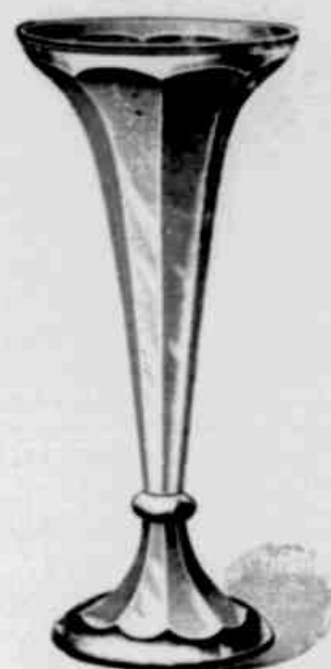
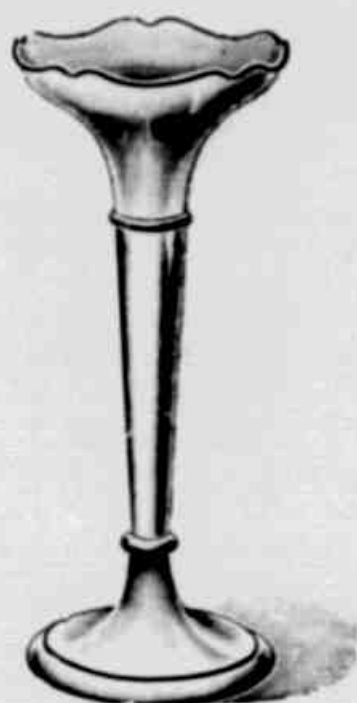
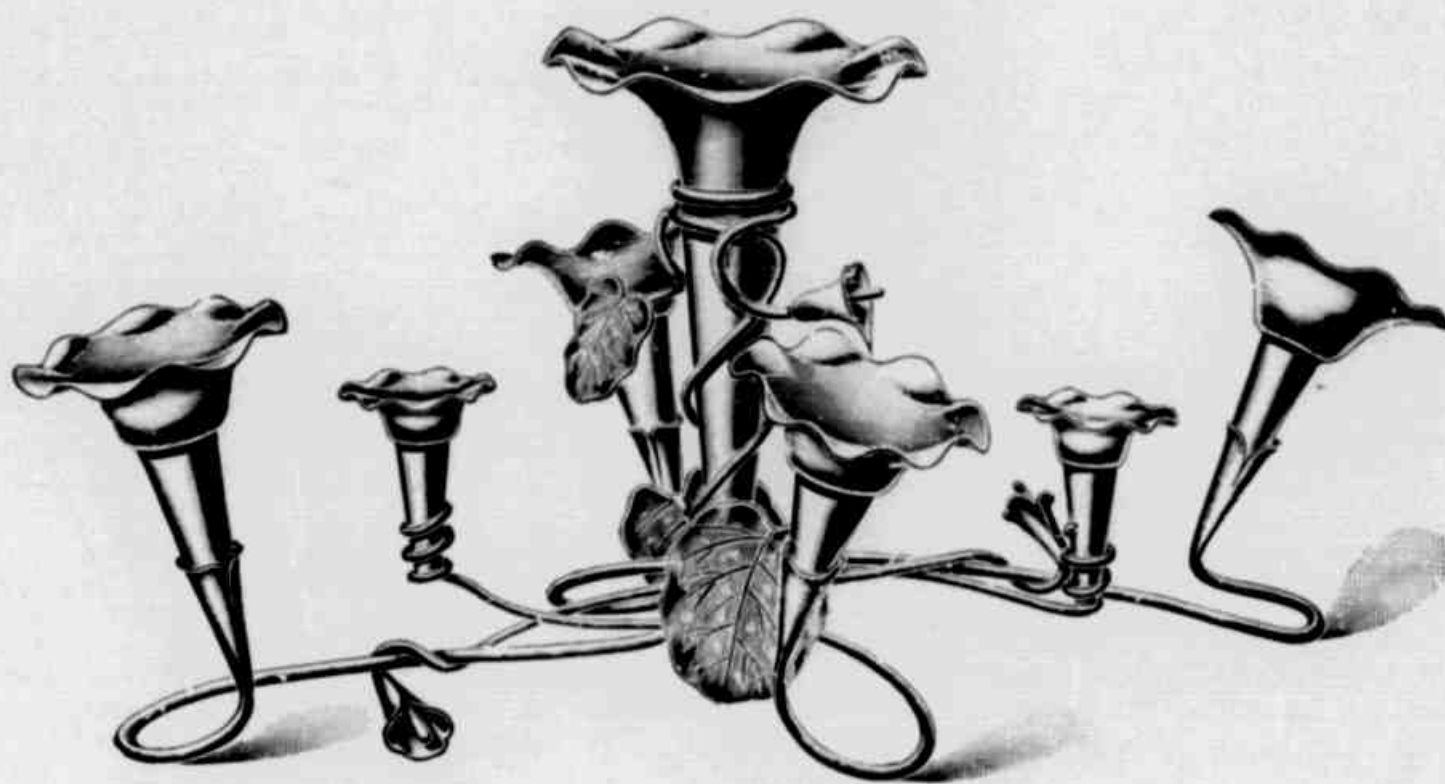
ANNO IV
NUMERO 208

Para todos...

PREÇO 1$000

Meios praticos para curar as doenças, desfazer influencias nocivas de inveja, odio ou feitiçaria, facilitar consorcio ou concordia de socios e casaes, alcançar bom emprego, descobrir o occulto ou couzas desapparecidas, hypnotizar, magnetizar, ter sorte em negocios e loterias, attrahir dinheiro e felicidade. Estão nos "Livros das Influencias Maravilhosas": **Hypnotismo Afortunante, Magnetismo Utilitario, Occultismo Pratico, Medicina Moderna, Sciencias Secretas,** cada qual trata de uma especialidade, e podem ser comprados por junto ou separadamente, á escolha do freguez. Cada um custa **Dez mil réis**, quando em brochura,—ou **Doze mil réis**, quando encadernados. Os cinco livros por junto não têm desconto; mas, em compensação, o comprador da collecção receberá gratis um diploma do "Instituto Electrico e Magnetico Federal". Collecção dos cinco livros: brochados, **Cincoenta mil réis**; encadernados, **Sessenta mil réis**. Remettei o dinheiro com o pedido em vale postal ou pelo registro "valor declarado no certificado do correio", a **MILTON & C. — Instituto Electrico, rua da Assembléa, 45, Capital Federal. Resultado garantido!**

GRATIS
O
MAGAZINE DO DINHEIRO!
Facilita o ganho!

SENHORAS! Em quatro horas vos livraes das colicas uterinas, tomando a

"FLUXO-SEDATINA"

E' A "FLUXO-SEDATINA"

A "Fluxo-sedatina" actua rapidamente nos orgãos genitaes das senhoras. Nas colicas uterinas faz effeito em quatro horas. Nos partos, garantimos que não haverá mais perdas de vidas em consequencia de hemorrhagias antes e post-partum. Tomando 15 dias antes de dar á luz, facilita o parto, diminue as dôres e as colicas, produzindo-se com facilidade e diminuindo as hemorrhagias. Para as outras doenças peculiares da mulher, como Flôres Brancas, Inflammações, Corrimentos, máo cheiro, Tumores, Suspensões e os perigos da idade critica, etc., a "Fluxo-sedatina" dá sempre resultados garantidos. Senhoras, usae a "Fluxo-sedatina" e dae ás vossas filhas e recommendae ás vossas amigas; prestareis assim um bello serviço ao vosso sexo. A "Fluxo-sedatina" é a verdadeira saude da mulher e a tranquillidade das mães. As senhoras que usarem uma vez nunca mais tomarão outro medicamento; tenha sempre um vidro em casa que é como se tivesse o medico á mão. Está sendo usada nas maternidades de toda a America do Sul. Recommenda-se aos medicos e parteiros. E' de gosto agradavel.

A' venda em todas as pharmacias e drogarias do Brasil

Depositarios Geraes: GALVÃO & C.

Ladeira Santa Ephigenia n. 9 - São Paulo

IMPORTANTE

O grande estabelecimento de calçados recentemente inaugurado sob o nome de CASA BOSTON, offerece a titulo exclusivo de reclame, á élite carioca, sapatos LUIZ XV, artigo fino, em typos os mais modernos, desde 25$000, e para homem desde 22$.

RUA DA CARIOCA, 42

TELEPHONE CENTRAL 6154

Graphologia

AVISO

Temos inutilisado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal e outras, finalmente, escriptas a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente escriptos: a tinta, legalmente assignados e em papel liso. O pseudonymo só é permittido para a resposta.

MERCEDES (Campos) — Na sua letra espelha-se uma alma cheia de ternura, palpitante de enthusiasmo pelas boas causas. Toma parte activa em todos os idealismos pelo triumpho do seu sexo. E', pois, uma feminista, mas sem exaggeros ridiculos. Tanto assim que sabe governar perfeitamente o lar, cuja prosperidade a interessa muito. Possue excellente coração, com a faculdade latente da philantropia.

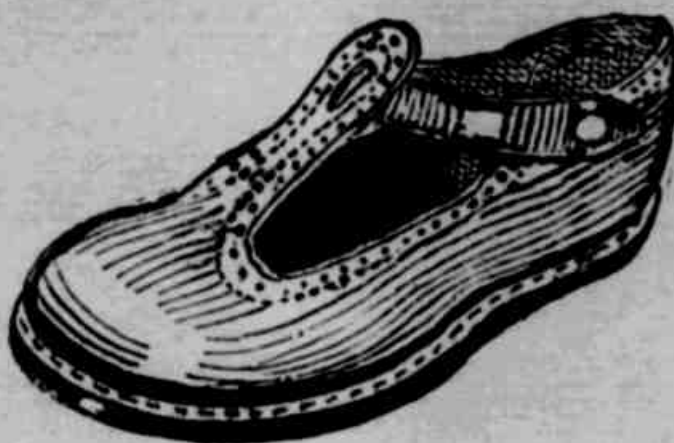
ROSE (Rio) — Na impossibilidade de entendermos sua letra, limitamo-nos a dizer que é a de uma senhora muito distincta em dotes physicos, mas tão vaidosa delles, que se torna digna de criticas.

EUGENIO (Rio) — Individuo suspicaz, desconfiado e matreiro. O que lhe vale é um certo ideal que o embala e lhe muda um tanto essa face. E' o ideal da constituição do lar. Mas a sua vontade é sem energia e não raro desfallece no meio do caminho. Tem a pretenção de ter um fino gosto artistico. Realmente, possue alguma cousa nesse sentido.

F. M. R. P. (Rio) — Analysada a sua graphia, como pede em tão poucas palavras, logo se verifica tratar-se de uma pessoa cheia de presumpção, embora de trato delicado e até ameno e apezar de ter um excellente coração.

E é só o que podemos dizer, deante da sua excessiva concisão.

ODILA OLIVIERI (Botucatu') — Percebe-se que é um espirito calmo e uma personalidade muito amiga do confortavel. Por isso mesmo é tida como um tanto fria e, realmente, não é susceptivel de enthusiasmos ruidosos. Seus contentamentos são mais intimos, vêm mais do cerebro. São prazeres intellectuaes. A despeito disso, não póde muitas vezes sopitar um ou outro accesso de colera causado por qualquer contrariedade. Sua vontade é delicada, mas muito persistente. Tem pouco idealismo; é, porém, muito definido, graças á cultura de que é dotada. E' liberal, mas não perdularia e o seu coração um tanto inclinado á bondade, obedece muito aos dictames da razão.

PIMPINELLA (Santos) — Natureza caprichosa, muito amiga de fazer prevalecer a sua vontade, mesmo contra as pessoas mais intimas. Entretanto, não faz isso impertinentemente, senão por meios brandos, que escondem o mais possivel esse seu querer. D'aqui se podia inferir — hypocrisia. De facto, possue um pouco esse defeito, aliás, muito commum. E' economica, quasi avarenta. O seu coração, um tanto frio, apenas se interessa pelos casos de amor.

FLUMINENSE (Rio) — Temperamento decidido, voluntarioso, bastante idealista, mas apparentemente brusco e, ás vezes, violento. Sua vontade é tenaz, um tanto ambiciosa. Gosta muito de dinheiro, mas é capaz de o repartir com quem delle necessite, pois tem um coração muito bondoso. E' um pouco expansiva com os intimos, mas muito reservada com os extranhos.

BOLANDEIRA (Rio) — Não nos parece que seja tão ruim como se diz. Vemos, por exemplo, um coração muito franco e isso a resgata dos defeitos que aponta e realmente existem. Escreva-nos d'aqui a um mez, para verificarmos a mudança.

C. DE O. (Barra Mansa) — Espirito muito sagaz, não obstante a ingenuidade de que parece revestido. Sabe como poucos tratar de seus interesses e tem a ambição bastante desenvolvida. Sua vontade, porém, não é pertinaz. Vence, porém, pelo talento dissimulatorio. Coração pouco sensivel.

CACÁ (São Paulo) — Presumpçoso de suas qualidades desconhece os defeitos da sua personalidade e fica todo formalisado quando lh'os apontam. Em todo o caso tem consciencia delles — o que já é alguma cousa; e, no seu intimo, os reconhece, promettendo a si mesmo corrigir-se... Baldada promessa! Ao contacto do mundo, das suas lutas e ambições, age de accordo com as suas conveniencias, passando por cima dos alheias. Reproduz-se indefinidamente, com todos os altos e baixos que constituem a sua natureza. Tem a vontade forte; mas o coração é excessivamente vulneravel, mesmo perante ataques illicitos.

ALL THE QUAKERS ARE SHOULDER SHAKERS

FOX-TROT

POR *PETE WENDLING*

REPERTORIO DA ORCHESTRA PICKMANN

A orchestra Pickmann offerece os seus serviços artisticos para bailes, chás dansantes, recepções, etc. *Rua Tavares Bastos*, 8 — Telep. Beira Mar 239

1
2
D.S.

Questionario

Toda a correspondencia para esta secção deve ser dirigida a OPERADOR — 164, Ouvidor — Rio de Janeiro.

Devido á formidavel affluencia de cartas para esta secção, muitos aguardam a resposta por semanas e mezes até; pedimos por isso excusas aos nossos leitores e, ao mesmo tempo, lhes solicitamos a attenção para a lista de endereços de artistas que, mensalmente, publicamos; isso evitar-lhes-á muita vez o trabalho de escreverem pedindo informações que nella encontram e a nós um trabalho excusado de compulsar catalogos para os satisfazermos. Mais: abreviará o prazo das respostas. No caso de pedido de informes sobre films devem vir sempre que possivel os titulos. Essa nossa exigencia é motivada pelo facto de muitas vezes os films aqui exhibidos com um titulo passarem com outros nos Estados.

—

BELLEZINHA DO CAJU' (Rio) — Mary nasceu em Toronto, Canadá, a 8 de Abril de 1893. Loura, olhos azues, casada com Douglas Fairbanks. Foi casada com Owen Moore do qual se divorciou.

MLLE. XYZ (Rio) — De facto foi já feito por Pauline Frederick, mas que tem isso? Muito recentemente, Mary Pickford posou novamente um film por ella feito ha annos para a Famous Players. Se o assumpto é bom, o film renovado, com processos novos, agora, com todos os melhoramentos que o curso dos dias vae introduzindo na industria cinematographica, ha de por força agradar.

SEU LOPES (Guarany) — 485 Fifth Ave. N. Y. C. Escreva directamente.

ADONIS (Santos) — Nasceu a 12 de Agosto de 1882 e é artista tanto do palco como da téla.

SANTUZZA (Rio) — Em um dos nossos ultimos numeros sahiu alguma coisa sobre esse assumpto. Não leu, porventura?

LECY CUNHA (S. Paulo) — Só respondemos por aqui. Daremos os retratos que pede. A 1ª está no theatro, tendo acabado de pousar no film de Douglas Fairbanks, Robin Hood; das outras no fim deste questionario verá os endereços.

MARICAS (Sabará) — E' muito difficil o que pede, meu caro. Escreva, envie retrato, faça o que bem entender, mas não nos metta na dansa.

SEU BEMZINHO (Rio) — Meu não. E' solteira e trabalha só para a Paramount.

LEONOR R. (Friburgo) — Não sabemos.

B. LOPES (Nictheroy) — Syn de Conde e Antonio Rolando.

MIRS PEGGY (Rio) — 485, Fifth Ave. N. Y. C.

PERVINCA (S. Paulo) — Muitas são. De outras contam-se historias. Deve haver de tudo como em todas as classes.

SABETUDO (Ponte Nova) — Brevemente sahirá.

LILITA (Ouro Preto) — E' casado e tem 39 annos.

REALISTA (Rio) — Dirija-se á Agencia que só ahi lhe poderão dar informes seguros... se os tiverem.

MIRS HELLYETT (S. Paulo) — Brevemente publicaremos.

Carmel Myers

ODUVALDO (Sorocaba) — 21 annos, morena, olhos e cabellos pretos. Pode ser.

BASTIÃO (Bello Horizonte) — Não sabemos.

MORENA (Rio) — Parece que não passará mais.

SADONA (Barbacena) Correm boatos de que melhorará este anno, mas olhe que duvidamos.

BONITINHA (Rio) — 485, Fifth Ave, N. Y. C. os tres. Veja a lista que publicamos no pé deste.

REVERENDO SANCHO (Taubaté) — E' melhor não falarmos nisso. Só podemos referir desastres.

LILI (Brotas) — Não pense nisso. E' tolice. Olhe que lá ha milhares a sonhar com a mesma cousa. Por isso que um tem sorte não se segue que todos os mais tambem a tenham. E depois quem sabe quanto lhe custou a satisfação desse desejo!

SEU ZÉ (Rio) — Leia no fim desta secção. Ahi encontrará a resposta a tudo quanto perguntou.

*

DIRECÇÕES DE ARTISTAS

Ruth Stonehouse, care of Premium Pictures Corporation, Portland, Oregon.

Claire Windsor, Rockcliffe Fellowes, Claude Gillingwater, Helene Chadwick, Richard Dix, Nigel Barrie, Stuart Holmes, Colleen Moore, Mae Busch, Hobart Bosworth, Goldwyn Studios, Culver City, California.

Eugene O'Brien, Players Club, 16 Gramercy Park, New York City.

Corinne Griffith, Alice Calhoun, William Duncan, Edith Johnson, Larry Semon e Earle Williams, Vitagraph Studios, Talmadge, Avenue Hollywood, California.

Alice Brady e Elsie Ferguson, care of Paramount Pictures, 485 Fifth Avenue, New York City.

Harold Lloyd, Ruth Roland, Marie Mosquini, Snub Pollard e Mildred Davis, Hal Roach Studios, Culver City, California.

Joseph Striker, care of Ivan Abramson, 270 Seventh Avenue, New York City.

Lilian Gish, Carol Dempster e Virginia Magee, Griffith Studios, Oriental Point, Mamaroneck, New York.

Mabel Ballin, care of Hugo Ballin Productions 366 Fifth Avenue, New York City.

Kenneth Harlan, Estelle Taylor, Edith Roberts e Richard Headrick, Mayer Studios, 3800 Mission Road, Los Angeles, California.

Madge Kennedy, care of Kenna Corporation, 120 Broadway, New York City.

Pola Negri, Leatrice Joy, Kathlyn Williams, Wallace Reid, Rodolph Valentino, Betty Compson, Agnes Ayres, Wanda Hawley, Thomas Meighan, Jack Holt, David Powell, Conrad Nagel, Dorothy Dalton, Gloria Swanson, Bert Lytell, Theodore Kosloff, Theodore Roberts, Raymond Hatton, James Kirkwood, Lois Wilson, Lila Lee, Mary Miles Minter, Bebe Daniels, May McAvoy, Walter Long, Walter Hiers e George Fawcett, Lasky Studios, Vine Street, Hollywood, California.

Richard Barthelmess e Dorothy Gish, care of Inspiration Pictures, 565 Fifth Avenue, New York City.

John Gilbert, Helen Ferguson, William

Os Films da Semana

A programmação da semana que passou nenhuma novidade maior apresentou. Os *films*, porém, não foram máos. Alguns despertaram mesmo certa curiosidade bem louvavel. Por exemplo, entre outros, o que o famoso humorista americano Mark Twain idealisou e que a Fox fez passar no Pathé: "Um yankee na côrte do rei Arthur". Esse é bastante interessante. Como trabalho comicô, na série de disparates imaginados pela fantasia do autor, o *film* tem alguma coisa de inédito, que agrada e provoca applausos.

◇

No Odeon, o publico accorreu a ver "Flor da Paixão", motivo adaptado do grande drama de Jacintho Benavente: "Malquerida", já algumas vezes representado nos nossos theatros e uma das obras theatraes favoritas do repertorio da sra. Italia Fausta. "Malquerida", no *écran*, gosa de recursos extraordinarios de belleza, pela graça dos costumes e dos scenarios, bem mais encantadores do que é possivel no theatro. Norma Talmadge, que a creou, revela-se, admiravelmente, nas suas qualidades de tragica.

◇

Passou, no Palais, o 4° e ultimo episodio do "Dr. Mabuse".

◇

"Eterna lua de mel", o *film* Paramount, do Avenida, que mais agradou durante os ultimos sete dias, mereceu bem os commentarios que se lhe fizeram.

Se, a alguns, o motivo pareça já bastante explorado, para os nossos dias, as creaturas que o vivem, creadas pela fantasia admiravel do grande poeta Murger, o famoso autor da "Vida de bohemia", agradam-nos tanto, no ambiente em que se movem, que bem vale admiral-as, assim tão encantadoramente interpretadas por artistas como Montagu Love, Elsie Ferguson, Dolores Cassinelli e Wallace Reid.

◇

Como já temos notado, o Central vae exhibindo uma programmação mais digna. Os *films* da Ass. Prod., que têm ultimamente feito parte de seus cartazes, assim como, uma ou outra vez, os da Goldwyin e até mesmo alguns argentinos, merecem bem os nossos applausos.

Esse que acaba de passar em sua téla — "Os peregrinos da vingança" — não é lá grande coisa, mas é bem mais supportavel que os italianos, que tanto estafaram a platéa do Central.

O *film* portuguez que tambem ali se exhibiu esta semana: "Um chá nas nuvens", despertou curiosidade, apresentando, num arriscadissimo e sensacional trabalho, bellissimos panoramas portuguezes.

◇

No Parisiense, agradaram os *films* de sua programmação, embora "O Rei-dinheiro", da Realart, seja bem mais fraco do que "A voz do coração", da Goldwyn.

OPERADOR N. 3

COTAÇÃO DOS FILMS — SEMANA DE 27 DE NOVEMBRO A 3 DE DEZEMBRO DE 1922

MARCA	CINEMA	TITULO DO FILM	PRINCIPAES INTERPRETES	DATA	CLASSE
First Circuit.	Odeon. . . .	Flor de paixão (The Passion Flower).	Norma Talmadge.	1921	... 7 ...
Paramount. .	Avenida. . . .	Eterna lua de mel (Forever).	Montagu Love, Elsie Ferguson, Dolores Cassinelli, Elliot Dexter e Wallace Reid.	1921	... 7 ...
Realart. . . .	Parisiense. . .	O rei-dinheiro (Hush Money). . . .	Alice Brady.	1921	... 5 ...
Denlig. . . .	Palais. . . .	Dr. Mabuse — 4° e ultima época. . .	Rudolf Rogge, Alfred Abel, Paul Richter, And Eggede Nissen e Gertrudes Welker.	1922	... 3 ...
Film Port.. .	Central. . . .	Um chá nas nuvens.	D. José e D. Miguel Puertollano. . .	?	... 4 ...
Ass. Produc..	" . . .	Os peregrinos da vingança (Pilgrins of the night).	Rubye de Remer.	1921	... 6 ...
Goldwyn. . .	Parisiense. . .	A voz do coração (The Street Called Straight).	Naomi Childers, Irene Rich, Milton Sills e Alec Francis.	1920	... 6 ...
Pathé N. Y.	Pathé. . . .	Almas rigidas (The Deadlier Sex). .	Blanche Sweet e Mahlon Hamilton. . .	1920	... 5 ...
Fox.	"	Um yankee na côrte do rei Arthur (A Conneticut Yankee, etc.).	Harry Myers.	1920	... 7 ...

Russell, Tom Mix, Shirley Mason, William e Dustin Farnum, Charles Jones e Patsy Ruth Miller, Fox Studios, Western Avenue, Hollywood, California.

Helen Jerome Eddy, Ethel Clayton, Johnny Walker, Harry Carey, Jane e Eva Novak e Cullen Landis, R-C Studios, 780 Gower Street, Hollywood, California.

Earl Metcalfe e John Barrymore Lambs Club, 130 West Forty-fourth Street, New York City, Idem, Harrison Ford.

Elaine Hammerstein, Jackie Coogan, Dorothy Philips, Niles Welch, Kathryn Perry, Owen Moore e Norma e Constance Talmadge, United Studios, Hollywood, California.

Glenn Hunter, care of Glendale Studios, Hunterspoint, New York.

Viola Dana, Barbara La Marr, Bryant Washburn, Billie Dove, John Bowers, Blanche Swett e Clara Kimball Young, Metro Studios, Hollywood, California.

Frank Mayo, Virginia Valli, Barbara Bedford, Herbert Rawlinson, Mary Philbin, Maud George, George Hackathorn, Norman Kerry, Hoot Gibson, Lon Chaney, Art Acord, Reginald Denny, Eric von Stroheim, Gladys Walton, Priscilla Dean e Baby Peggy, Universal Studios, Universiay City, California.

Wesley Barry, care of Warner Brothers, 1600 Broadway, New York City.

Marion Davies, Alma Rubens, Forrest Stanley, Internacional Studios, Second Avenue and One Hundred and Twenty-seventh Street, New York City.

*

Um estilhaçozinho, ou cousa que o valha, de uma bomba de dynamite causou leves ferimentos em Harriet Hammond, quando trabalhava num film qualquer. O resto já se sabe: a ex-banhista do bando de Mack Sennett, pede indemnisação á fabrica, que, neste caso, é a Fox.

*

Dorothy Gish voltou a actividade. Trabalhará ao lado de Richard Barthelmers em "Fury" e depois irá fazer um film com sua irmã Lilian. James Rennie, marido de Dorothy, continua no theatro.

PARA TODOS...

PREÇO DAS ASSIGNATURAS
Um anno (Serie de 52 ns.) 48$000
" semestre (26 ns.). . . 25$000
Estrangeiro . . . . 60$000

PREÇO DA VENDA AVULSA
No Rio . . . .
Nos Estados . . . . 1$000

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e só serão acceitas annual ou semestralmente. Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro, (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO — Rua do Ouvidor, 164. Endereço telegraphico: OMALHO—RIO. Telephones: Gerencia: Norte 5402; Escriptorio: Norte 5818 Annuncios: Norte 0131.

Succursal em S. Paulo: Rua Direita n. 7, sobrado. Tel. Cent. 3832. Caixa Postal Q.

Não existe mulher bonita que não sinta o orgulho ferido, quando as amigas deixam de voltar-se para vel-a passar --- POLLAH --- conservará a belleza do seu rosto, muito além da primeira juventude.

Recuperou a belleza da cutis

Sr. representante da American Beauty Academy N. Y. City 1748, Melville Av. U. S. A.

Com verdadeiro prazer, communico-lhe e autorizo a fazer publico que, desgost:sa durante annos com a minha cutis cheia de espinhas e manchas, pelle aspera, empingens, tudo usando, sem resultado, para recuperar uma bôa cutis, tive a felicidade de achar no seu **CREME POLLAH** (sem gordura) a minha feliz cura; vendo desapparecer manchas, espinhas, empingens, ficando em pouco tempo com uma cutis lisa, clara como nunca pensei voltar a possuir.

Certa de que o **POLLAH** é actualmente o unico producto que póde produzir taes resultados, agradeço-lhe minha cura e mais uma vez autoriso-lhe a fazer publicidade desta.

MELIE AYERGA DE GREEN — S. Paulo

O CREME POLLAH encontra se na Casa Crashley & C.— Ouvidor, 58, e nas principaes perfumarias do Brasil — Remetteremos gratuitamente o livrinho **Arte da Belleza**, a quem enviar o coupon aos Representantes da «American Beauty Academy».

1° de Março, 151 — 1° andar — RIO DE JANEIRO

(*PARA TODOS...*)—Córte este *coupon* e remetta aos Srs. Reps. da American Beauty Academy — Rua 1° de Março, 151, 1° andar — Rio de Janeiro.

NOME . . . . *CIDADE* . . . .

RUA . . . . *ESTADO* . . . .

Para todos...

9 — XII — 1922.

Sessão na Academia Brasileira de Letras, em homenagem ao cincoentenario da formatura do Sr. Conde Carlos de Laet.

LEI FATAL

Neste tempo, quando o verão refina, o melhor sorvete é o banho. Tonifica e limpa.

Quem não tem a commodidade dos ricos, — que é como quem diz: — chuveiro de luxo e sabão "Coty", — contenta-se com o mar, — a grande bacia, onde o pobre se espoja á gosto e se lava á farta.

Afinal, ficando a pelle fresca e o corpo leve, o resultado é sempre o mesmo. Pão duro não é biscouto; mas, si a fome aperta, presta serviço igual.

E elles, assim pensando, seguiam a procurar logar apropriado para o mergulho.

Meio dia, sól faiscante e temperatura senegalesca, 36 á sombra.

Formavam o todo quatro: — um grosso, um fino, um comprido e um curto. Iam surrateiros, cautelosos, não desejando ser vistos, devido á difficuldade da roupa, — que era grande. Em relação a isso, nem mesmo um modesto calçãozinho — tapa vergonha — havia.

Mas... espia aqui, espreita ali, observa adiante... e como não vissem olho marcial, — que era o terror, — resolveram-se.

Dahi a pouco, de vestimenta simples, a mesma que trouxeram quando no mundo entraram, lá se foram, cada qual a gozar no abundante liquido as delicias que a agua promettia.

Acocorados, como gallinhas no chôco, só deixavam ver as cabeças, que ficaram de fóra, como sentinellas a vista.

Que prazer! que regalo! que volupia!... E nadavam, e boiavam, e chapinhavam á vontade...

Mas, — tudo na vida tem o lado escuro: — não ha céo sem nuvens nem gosto sem desgosto. Quando estavam no bom, no gostoso, no repique mesmo da festa, lobrigaram ao longe um guarda, um fiscal, um representante da Moral, que, com passos patrulhoticos se vinha approximando.

E agora?

Que entalação!

Nem lençól, nem toalha, nem uma exigua coberta que servisse ao menos como folha de parreira para a convenção social!... Ou fugirem praia a fóra, ou irem delegacia a dentro darem explicações... Como não queriam embrulhos com a policia, não havia tempo a perder nem outro expediente a adoptar: — era pernas para que vos quero, — e toca a fugir, toca a safar e isso sem demora e quanto antes.

E a pingarem, aos tombos, desordenadamente, sahiram, e cada qual atirou-se ao que encontrou mais á mão. O gordo introduziu-se no fato do magro, o magro metteu-se nas vestes do gordo, o alto vestiu a fatiota do baixo e o baixo enfiou-se na roupa do alto.

E azularam, desappareceram, sumiram-se, — menos o curto, — que atrapalhado com as calças do comprido, não pôde correr e afinal foi quem pagou as favas, soffrendo as consequencias todas.

Está certo, não é de admirar. O mundo foi feito assim: São sempre os pequenos que pagam as culpas dos grandes...

JOTA SÓ.

Antes do banquete offerecido ao Sr. Dr. Diego Carbonell, Ministro da Venezuela, pelo Sr. Ministro da Bolivia.

DE UM TEMPO DE FADAS...

◇

Vieste de um tempo de fadas, em que todas as cousas eram azues, e de que carregas a saudade no azul de teus grandes olhos amigos...

Ha em ti uma resurreição de éras fanadas, uma lembrança de paizes longinquos, onde já ondulaste atravez de jardins silenciosos...

Pelo teu corpo anda a vibrar, evocativa e monotona, certa melodia d'antigamente, ennovelando-se-te nos cabellos, descendo, como um fio d'agua, pelas linhas placidas do teu rosto, e cahindo, cahindo mais, a contornar-te os seios, e a espalhar-se, a diluir-se no teu dorso...

Vejo-te num velho scenario de legenda, com vestidos longos e fluctuantes, pisando rosas quasi murchas, sob um céo onde ha recórtes tranquillos de azas quietas...

Chegaste tão tarde! Hoje, todas as fadas morreram, o mundo perdeu os seus amados fantasmas, e ha, nas almas boas, uma tristeza de exilio e de venturas perdidas...

E tu, que és toda azul, toda azul, não mais terás canticos ingenuos, adorações de crentes primitivos, olhos que te contemplem num extase, braços que te offereçam punhados de flores... Anda, volta depressa, chama um "taxi" e manda tocar, tocar desvairadamente, para muito longe!...

CARLOS.

◇

"VIDA FUTIL"

Está finalmente marcada para a primeira quizena de Dezembro a sahida do livro "Vida Futil", com que Peregrino Junior, o elegante chronista do "Rio-Jornal", cujas paginas fazem o encanto de quantos as lêm, vae nos presentear. Nada mais agradavel que um bom livro sahindo assim no fim do anno, para fechar, com uma nota interessante de graça e de belleza, estes nervosos mezes do anno da Independencia, nos quaes, si houve agitações politicas e um começo de panico,

muita cousa bella aconteceu tambem na Literatura, na Arte e na vida... Em "Vida Futil", Peregrino nos apresentará, sob o titulo "A festa da Illusão na Cidade que ri", todas as brilhantes chronicas mundanas que vem publicando diariamente nas columnas daquelle sympathico vespertino, e mais duas outras partes: "Jardim da Melancolia" — trechos intimos de lyrismo e sonho — e "Snobs e Esthetas", que é um bello estudo de figuras representativos do nosso mundo social e artistico.

A Senhora Angela Vargas e um grupo de discipulas do Curso de Dicção.

O LIVRO DA VIDA

No dia em que começou a pensar, deram-lhe um livro... Abriu-o com febre, com emoção, doido por conhecer, num relampago, o mysterio de suas paginas. Compulsou-o com ansia, nervoso, agitado, gastando, num instante de allucinação, boa parte de sua faculdade de sentir. Após a leitura, ficou triste, com uma saudade immensa de seu tempo de menino, já tão afastado, a se dissolver nas brumas de um horizonte longinquo. Todos os seus sonhos desappareceram, foram-se todas as suas illusões, e ficou, como um monge solitario, de alpercatas e bordão, a peregrinar por uma estrada escura, rezando, baixinho, as ultimas Esperanças de sua Fé. Aprendeu tudo e viu que não ha nenhum sonho na vida; comprehendeu tudo e sentiu que existe, dentro de si, uma multidão de homens tristes a soluçar dôres antigas. Quando commetteu o primeiro peccado, deram-lhe um livro. Era o livro da Vida. Leu-o do fim para o começo, sem saber porque o fazia. Chegou ao começo com a certeza de que havia alcançado o fim... Logo que percebeu o engano, amarrou uma venda nos olhos e anda, ás tontas, como o cabra-cêga da vida...

GARCIA DE REZENDE.

O ESTRANGEIRO

— Que mais amas, homem enigmatico, dize, teu pae, tua mãe, tua irmã ou teu irmão?

— Não tenho nem pae, nem mãe, nem irmã, nem irmão.

— Tens amigos?

— Pronunciaes uma palavra cujo sentido até hoje me é desconhecido.

— Tua patria?

— Ignoro a que latitude é situada.

— A belleza?

— Eu a amaria de bom grado, deusa e immortal.

— O ouro?

— Odeio como odiaes a Deus.

— Então, que amas tu, extraordinario estrangeiro?

— Amo as nuvens... as nuvens que passam... lá longe... as maravilhosas nuvens!

BAUDELAIRE.

DE DGELALEDIN RUMI

Um dia um homem bateu á porta da Bem-Amada. E uma voz do interior perguntou:

— "Quem é?"

O homem respondeu:

— "Eu".

A voz disse então:

— "Esta casa não nos poderá abrigar a nós dois ao mesmo tempo".

E a porta ficou fechada. Então, o amante foi para o deserto e jejuou e orou. Um anno depois, voltou e bateu de novo á porta e a voz perguntou ainda:

— "Quem é?"

E o amante respondeu:

— "Tu".

E a porta se abriu.

O compositor Luciano Gallet entre os artistas que o coadjuvaram na audição de obras suas, no Instituto Nacional de Musica.

"OS OUTROS"

O Sr. Garcia de Rezende é um homem finissimo, de maneiras delicadas, que escreve coisas novas e agradaveis e que, com um absoluto ar de despreoccupação, de alheiamento, vae observando o mundo calmamente, para dar noticias de tudo em phrases curtas, elasticas, modernas... Não escreve coisa que vá além de duas paginas. Entretanto, esses breves capitulos encerram, ás vezes, todo um romance apanhado ao vivo directamente na Vida, onde elle passa desejoso de não ser observado para poder observar...

Tudo isso presentimos através das paginas do seu livro "Os outros", que é encantador e revela um temperamento requintado e todo cheio desse adoravel humour *que sempre nos fascina.*

Senhorinha Rachel Nogueira, da sociedade paranaense

AYACUCHO

"O 9 de Dezembro de 1824, quando triumphastes dos inimigos da Liberdade, será eternamente recordado pelas gerações, que bemdirão o patriota e o guerreiro! Celebre nos Annaes da America, emquanto existir Ayacucho, se falará no nome do general Sucre! Elle durará tanto como o tempo."

Assim escrevia Simão Bolivar, o Libertador, ao grande Marechal Antonio José de Sucre, o vencedor da batalha de Ayacucho, onde se consolidaram a liberdade e a independencia dos povos sul-americanos, á frente do Exercito Unido Libertador, de cinco mil setecentos e oitenta combatentes contra as forças reaes de Hespanha, com mais de dez mil homens.

Em Ayacucho, de facto, fez-se a epopéa da historia americana do sul!

Recordamos o glorioso feito e congratulamo-nos com os nossos irmãos da America hespanhola pela grande data, sobretudo com o digno representante do velho Alto - Perú, hoje Bolivia, que, num movimento elevado de fraternidade, vae reunir num banquete o corpo diplomatico e as altas autoridades brasileiras.

O BEM-ESTAR ALHEIO

— Como o Epaminondas arranjou tanto dinheiro?

— Nas corridas.

— Ah! Elle tem cavallos de corrida?

— Não. Quem corre é elle, á frente dos lesados.

DE HENRY BATAILLE

Toda dôr é talvez a resonancia mysteriosa de uma felicidade através do espaço e do tempo...

Ha passaros que começam a construir o seu ninho, não se sabe por que, no outomno...

Não são os homens que são crueis. E' o amor...

A pintora Georgina de Albuquerque, no seu "atelier", trabalhando no quadro "Manacá", um dos maiores acontecimentos do Salão Internacional, aberto na Escola de Bellas Artes.

O ALMANACH DO "TICO-TICO" PARA 1923 SAHIRA' NAS VESPERAS DO NATAL

TERRA CARIOCA

O CHAFARIZ DAS "SARACURAS"

A nossa cidade, outr'ora, era fertil nas demonstrações de gratidão e homenagens do povo para os governos e vice-versa. Não era raro ver-se no tempo dos vice-reis, erguer-se um monumento, cuja utilidade a população sabia apreciar e aproveitar. Em nossos dias, as homenagens só são pretadas em caracter de reciproco "interesse", ficando o publico sempre á margem. O Rio de Janeiro possue innumeras provas que nos autorisam o pessimismo; ellas ahi estão no granito dos nossos vetustos chafarizes, na sumptuosidade dos nossos jardins, hoje mutilados e abandonados, por quem tem o dever sagrado de zelar por elles. O Passeio Publico, tão pittoresco outr'ora, é hoje um refugio para os desoccupados que vão dormir á sésta, um paraiso para os motoristas desabuzados; arrancaram-lhe as grades, devassaram-lhe as moitas, entupiram o terraço caracteristico e evocador com uma almanjarra onde se pretende installar um antro de jogatina ou uma feira de alcool... Arvores seculares, de historia ligada a acontecimentos que de perto falam á alma do carioca, foram abatidas impiedosamente!

Não contentes com isso, permittem que um café com pretensões a "cabaret" elegante, esteja encravado dentro do jardim como um attestado vivo de falta de criterio e do máo gosto dos seus exploradores... O tanque, com os jacarés de Mestre Valentim, lá está sepultado entre escombros e ferros velhos, segregado do publico como um fructo prohibido!

Outros exemplos de uma magnificencia extincta vamos encontrar nos edificios religiosos, nas talhas, nas balaustradas, nas molduras, nos altares, nas mesas e banquetas, nos pulpitos, na ourivesaria dos lampadarios e ciriaes, onde o valor anonymo dos artistas é empolgante. Esses attestados de cultura pouco a pouco desappareceram para dar logar ao modernismo exotico e sem o menor vislumbre de conforto e de belleza! Ha bem pouco tempo o portico da igreja do Carmo foi raspado deante da indignação dos amigos da cidade e das nossas tradições; — si é que no Brasil existem tradições — qualquer dia pintam-no de branco para depois fingirem marmore, o que infelizmente, entre nós, não constituiria novidade, pois já temos visto pintarem estatuas! Reliquias desapparecem mysteriosamente, a picareta do operario inculto, obedece aos impulsos burocratricos e inestheticos dos administradores de momento.

Até 1916, existiu na casa de esquina da rua da Alfandega e Tobias Barreto, um oratorio, uma reminiscencia medieval, que illuminava, durante a noite, a imagem da devoção do povo. Moreira de Azevedo assim descreve essas reliquias: "Deante dos nichos que ornavam as esquinas das ruas accendia-se á noite um candieiro de azeite ou uma véla de cêra, e essas luzes collocadas em frente das imagens pela fé e devoção do povo, constituiam a unica illuminação da cidade. Naquelles tempos o povo se recolhia cedo; ao anoitecer se fechavam quasi todas as casas, havia limitado numero de lojas de commercio, e sendo as ruas tortuosas, sem calçamento nem illuminação, tornava-se perigoso o transito nocturno, especialmente nas ruas em que não havia luz nos nichos." Esse oratorio, como dissemos, foi demolido em 1906.

Outros oratorios existiram na nossa cidade; mencionaremos os das esquinas de Uruguayana e Hospicio, Rosario e Quitanda, Primeiro de Março e S. Pedro, da praça da Constituição, Treze de Maio, largo da Batalha, Cotovello, D. Manoel. O de Nossa Senhora do Cabo da Boa Esperança existe ainda na rua do Carmo, com a sua luzinha tremula e evocadora... Deixemos, porém, de parte todas essas reminiscencias, que seduzem o nosso espirito, e tratemos do assumpto desta chronica: o chafariz das "Saracuras".

O velho chafariz das "Saracuras" quando situado no pomar do Convento da Ajuda. Photo de 1911.

Em 1799, o vice-rei, conde de Rezende, resolveu conceder ás religiosas da Ajuda mais um annel para uso do convento. Em gratidão ao acto do vice-rei, deliberaram as freiras ordenar a construcção de um chafariz no pomar do convento, que se erguia precisamente entre o novo edificio do Conselho Municipal e o palacio Monroe. A expressiva peça colonial, quando demoliram o velho casarão, foi transferida para Ipa-

nema, onde se acha ornando a praça Ferreira Vianna, porém, completamente secco... o que tambem infelizmente não constitue novidade no Rio de Janeiro!

O velho casarão foi demolido porque era considerado um anachronismo inesthetico e prejudicial ao progresso da cidade; desappareceu com elle uma das tradições da cidade para dar logar ao abandono e ao desmazelo que se vê naquelle "mafuá" em ruinas... Todo de cantaria, representa um valioso attestado da habilidade dos antigos canteiros da velha cidade.

De fórma circular, tem no embasamento quatro tanques servindo de anteparo ás escadinhas que dão accesso a um plano onde existe uma grande bacia; do centro desta, ergue-se um obelisco com tres metros de alto, encimado por uma pequena cruz de ferro. No terço inferior do obelisco existe uma cartela com expressiva dedicatoria das religiosas ao benemerito conde de Rezende e as suas armas em marmore branco; rematando os altos dos tanques estão quatro kagados de bronze, fundidos na "Casa do Trem".

Vieira Fazenda, em Outubro de 1896, estudando o vetusto chafariz, faz referencias ás saracuras, "as quaes lançam pelos bicos, na bacia limpida, agua, que desapparece para ser lançada de novo pela bocca de quatro kagados, que a despejam em quatro tanques collocados nos espaços entre as escadas". As saracuras, de bronze, ainda existiam em 1911, dias antes da mudança, como se póde verificar na gravura do chafariz, naquella época.

Tão curiosos adornos, "voaram" não sabemos para onde; mas é provavel que tenham sido vendidos a alguma das nossas fundições como metal velho... A Vieira Fazenda coube a gloria de ter sido o primeiro a tratar de tão interessante reliquia do nosso passado colonial. Araujo Viana, — o mestre saudoso — por diversas vezes nos falou na peça historica, commentando com erudição o abandono em que ella se encontrava, e isso elle o fazia com tristeza porque realmente era, um grande amigo da velha cidade...

Em aula, na antiga Escola de Bellas Artes, nas prelecções sobre a historia da architectura brasileira, a palavra erudita do mestre abordava o assumpto, com elevação de espirito, fazendo ver aos discipulos as bellezas da obra, e a habilidade com que os nossos primitivos canteiros cortavam o granito empregado nas obras architectonicas da velha cidade. Como exemplo, citava não só o chafariz das "Saracuras", como tambem os do Passeio Publico, Praça 11 de Junho, Bemfica e tantos outros do tempo dos vice-reis e de D. João VI. Todas essas vetustas obras de arte, que reflectem o amor que a gente daquelle tempo tinha pelas cousas bellas, ahi estão em completo abandono como espectros de um passado longinquo.

A prova material disso, não é difficil de encontrar, ella existe deante dos olhos do publico; na rua do Riachuelo está um velho chafariz que prestou relevantes serviços á população da cidade, condemnado ao desapparecimento; ha longos annos que construiram por traz dos seus muros uma casa, que positivamente não offerece esperanças de grandiosidade, pois o seu aspecto é francamente ridiculo!... As suas obras foram embargadas, mas os andaimes permaneceram, naturalmente na esperança de uma medida satisfatoria ao seu proprietario, o que infelizmente não é impossivel numa terra em que se abatem obras do valor do terraço do Passeio Publico, e se cravam placas no bronze das estatuas, como acabam de fazer no grandioso monumento a D. Pedro I, na praça Tiradentes...

ERCOLE CREMONA.

Dezembro de 1922.

O chafariz das "Saracuras" transladado para a Praça Ferreira Viana — Photo de 1922.

Na Côrte de Appellação. — O novo Desembargador, Sr. Dr. Carvalho e Mello, no dia da sua pósse, vestido com a tóga que lhe foi offerecida por um grupo de advogados.

Desincorporação de conscriptos da 3ª Companhia de Metralhadoras Pesadas. — Aspecto da assistencia.

Comedias e Comediantes

LÁ POR FÓRA A "*Maison de l'Œuvre*", *fundada e dirigida por Lugné Poe, vae dentro de poucos dias festejar o seu trigesimo anniversario. O vasto programma de arte desse admiravel animador que é Lugné Poe, tem sido rigorosamente cumprido. O theatro estrangeiro e uma grande quantidade de autores novos francezes, foram por elle revelados ao publico de Paris. Recentemente, ainda apresentou um novo, Jacques Natanson, que logrou um exito formidavel com a peça "L'Enfant truqué".*

◇ *Os jornaes de Madrid annunciam a proxima chegada, áquella capital, da companhia de operetas Esperanza Iris. Lá para o fim de 1923, principio de 1924, vel-a-emos entre nós, com certeza e já se sabe, com a "Nancy", a "Phi- Phi", e talvez o "Dédé", dos mesmos autores que reviveram, com tanto chiste, as aventuras de Phidias, o famoso escriptor grego.*

CÁ POR CASA *A Batalha da Chimera vae travar-se no Theatro S. Pedro. Campo de tradições sanguinolentas dos velhos dramas de capa e espada e dos "tiros" mais memoraveis, servirá optimamente para a "Ultima* encadernação *do Fausto". Quem levará o "tiro"... de misericordia?*

◇ *O Staffa convenceu a rapaziada do Trianon para arranjar um joguinho do bicho. Dahi a escolha de peças com titulos suggestivos. A primeira, é o "Bezerro de ouro"; a seguir vão as "Sete vaccas magras", peça duplamente symbolica; depois uma adaptação da opereta "Burro do Sr. Alcaide" e pensa-se numa réprise de "A bicharia", do Dr. Vicente Reis. Entretanto, a empreza espera que os novos escriptores, de quem acceitará peças, consintam em dar aos seus originaes titulos de bichos para completar a lista dos 25. E' uma idéa genial.*

◇ *Anda todo o mundo intrigado com a resolução do Dr. Claudio de Souza de não escrever mais para theatro.*

O que o nosso Rothchild-autor fez ao theatro, sabemos nós... mas o que diabo lhe terá feito o theatro a elle?

◇ *O titulo da nova revista do S. José, "Lá vae bala", é uma indirecta-directa á parceria. Não contente com isso, poz um canhão na rua para matar a revista "Não chora, meu bem". A parceria está "comendo fogo" e jura aos seus deuses que o tiro ha de sahir pela culatra.*

◇ *Dá-se um doce a quem disser onde está a magnifica estatua de João Caetano, modelada por Chaves Pinheiro que, ha poucos annos, ornamentava o salão nobre do Theatro S. Pedro. Têm a palavra os linguas de prata theatraes.*

Do velho tempo: Rose Merys, estrella de opereta.

◇ *O Aarão Reis, por autonomasia o Cabelleira de Sansão, está furioso porque o Christiano de Souza não metteu a comedia delle em ensaios. O João Silva disse-nos que o doutor não quer, logo no principio da empreza, pregar peças ao publico e que espera pelo Carnaval.*

◇ *A proposito da "Dame du cinema", de Nancey e Rioux, com que estreou, no Rialto, a companhia Christiano, a critica indigena denunciou todos os titulos com que, aquelle vaudeville tem sido representado entre nós: "A noiva", "A viuva", "A menina", e agora "O homem do cinema". Apenas lhes escapou um, o da bella traducção do Dr. Vieira de Moura que, por falta de caracteres typographicos, somos obrigados a dar em linguagem figurada: "Benti-kinema". O turco é muito expressivo, pois não é?*

◇ *O Viriato passa sobraçando peças de gaze verde, rosa e encarnada.*

— Para que é isso?

— Para cobrir as frisas e os camarotes... Estão ás moscas.

— Vaes transformar o theatro em confeitaria?

— Já era uma "bomboniére"...

◇ *— Oh! C. C., por que diabo deixaste de ser secretario-perpetuo?*

— Por causa dos bestialogicos do Presidente. Não quero acabar meus dias na Praia Vermelha.

◇ *Dizem os jornaes que a Batalha da Chimera recebeu uma peça, "O Naufrago", de Djalma Aarão Nunes.*

Esqueceram-se, porém, de noticiar o commentario do Renato: — "Naufrago"... parece piada.

PARA FECHAR A PORTA *Estréa uma companhia lyrica popular com a "Carmen". Ao primeiro numero do barytono rompe uma pateada formidavel, porque o desgraçado não tinha voz e desafinava horrivelmente. Ao sahir de scena diz o barytono para os collegas:*

— Esta gente não gosta da musica de Bizet. Falta-lhe o sentimento artistico.

ZE', FISCAL.

Ottilia Amorim, directora e principal figura da companhia que estreou antes-de-hontem no Theatro Recreio.

"ESQUECER"

Assim escreveu Felix Pacheco, apontando a comedia de Tobias Moscoso, Luiz Peixoto e Herbert Mendonça ao premio de theatro, da Academia Brasileira:

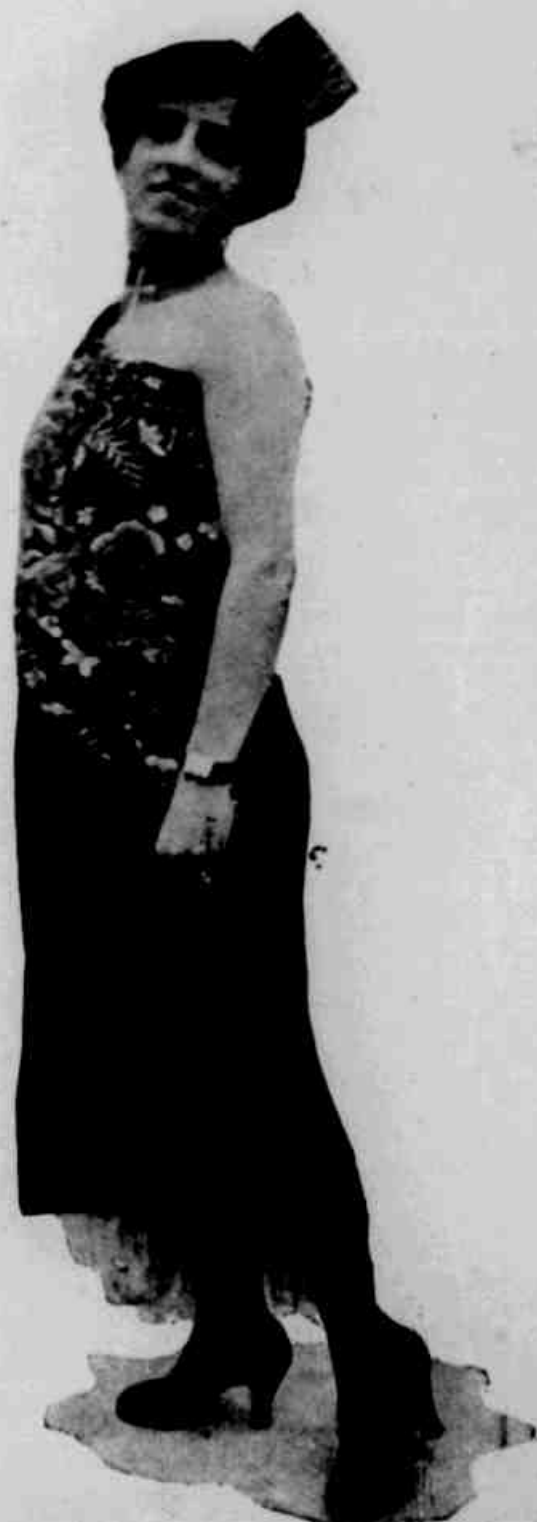
"Verdadeira peça de theatro, como o concurso pede. Magistral em todos os sentidos, e visivelmente obra de autor que não está ensaiando os primeiros passos ou, pelo menos, de um estreante que não teve pressa e preferiu amadurecer o espirito na contemplação e no estudo, antes de apparecer á luz da ribalta. Absoluta correcção de linguagem. Technica theatral perfeita. Scenas trançadas com arte sobria, elegante e forte. Tom geral suave, sem prejuizo da dramaticidade suggestiva, que é o segredo dos bons autores. Philosophia doce e intensa, que faz bem ao coração e não sacode demasiado os nervos, sem comtudo deixar de impressionar muitissimo. Sentimento do pudor artistico, velando, com apurado senso esthetico, as cousas cruas e as lembranças amargas e dolorosas da vida. A ironia occulta do destino, adiando a revelação de um segredo, para assegurar uma felicidade que ia desapparecendo, e lenir um amor que não foi possivel pela differença das idades e pelo tardio conhecimento de uma circumstancia longo tempo ignorada. O triptycho symbolico da peça: A casa velha; a casa nova; a casa triste; ou seja: a amizade, synthetisando naquella a confiança e as recordações; o presente, estabelecido nesta com o imprevisto de suas soluções, separando e unindo as moradas; e finalmente a terceira, o futuro, que não chegou a tempo, ou chegou tarde, abnegadamente compõe a hora a que assiste, para retornar logo após ao passado e esquecer... A grande nota commovente brotando com naturalidade dos episodios, num desenrolar tranquillo de amarguras silenciosas. A figura de Carlos Henrique: o que póde, na sociedade, o homem educado, que se repoliu nas viagens e que guardou, na dispersão de sua vida de diplomata, o orgulho do espirito de sacrificio e a bondade serena dos que perdoam e nada pedem e tudo comprehendem, salvando aos outros, e reservando só para si a parcella de dôr com o escondel-a num manto de absoluto recato e discreção. D. Flor e João Luiz: a sociedade brasileira antiga com o seu traço vivo de religião e compostura, a singeleza patriarchal do tempo do Imperio. Claudio, Eduardo, Albano: a sociedade nova, com o seu luxo, a sua riqueza, a mania de "sport", automoveis, outros habitos, Botafogo em vez do Outeiro da Gloria, com a linda ermida socegada, olhando o mar como uma benção do céo deitada sobre as ondas... Andréa: o laço de amor, a figura de belleza e a razão de alegria, de susto, de paz e de desconsolo, emergindo do quadro na tinta côr de rosa, sobre a qual a fatalidade da culpa velha do pae polvilha docemente um pouco de cinza e de sombra... "Esquecer"... Obra de escolha para um publico fino e educado. Um amor que nasceu da saudade e que talvez a propria saudade tivesse sepultado na obrigação da renuncia, para socegar outras almas e elevar-se acima de si mesma..."

◇

— Quando o senhor tiver a minha idade e a minha experiencia, verá...

— Quantos annos tem o senhor?

— Sessenta e dois.

— Outro dia, em S. Paulo, uma menina de seis annos suicidou-se...

Juramento á bandeira pelos novos reservistas do Tiro de Imprensa

OS MORABITINOS

São as mascottes cariocas, os Morabitinos: uma melindrosa e um almofadinha, feitos em madeira, interessantissimos. Em breve, não haverá mesa de toilette feminina que não tenha um Morabitino, como será difficil encontrar um quarto de rapaz sem uma Morabitina... Esperem e verão...

Andando tanto e tanto cansando, não consegui ainda cansar sem andar. Assim o amor: a sua vida é o movimento, é a luta, é o insaciavel. No dia em que a gente pára, o amor continúa, e como nós, cansado fica de andar.

SARAH DE MONTEIRO.

O Sr. Max Fleiuss, lendo a ultima conferencia da série organisada para o Centenario pelo Instituto Historico.

— Deixe-me pensar... Sim... Vale a pena... Pode dizer que vale a pena... Não... Espere... Não vale a pena... Diga-lhe isso... Ah! agora me lembro!... Ainda não... Espere... Si me não falha a memoria... Não, não! Sim... Como estás esquecido, Alberto! E'... E' isso mesmo... Não... Não... Espere... Agora... E'... Bô... a... idé... a... Sim... Não... Não... Sim... E'... Mas... Agó... ra... Diabo deste telephone! Allô! Allô! Ah! és tu, Arthur? Quê! Já fechaste o negocio?

—.Oh! bellezinha! Vae só?
— O senhor não está vendo?

— Que pensa o senhor de Victor Hugo?

— Faça o favor de dizer primeiro a sua opinião...
— Pois não. Eu acho que Victor Hugo...
— Perfeitamente. E' isso mesmo.

BOTÕES

— Ah! o passado...
— Já sei. Não volta mais.

— "Seu" doutor dá licença?
— Que é?
— Bôa tarde. Venho a mandado do seu irmão. Elle deseja saber si vale a pena ou não fechar aquelle negocio...

— Passa fóra! Vá ser alto para o inferno...
— Foi de ficar em pé, á espera de um bonde...

ON

Almoço, no Jockey Club, offerecido ao Sr. Dr. Ranulpho Bocayuva Cunha

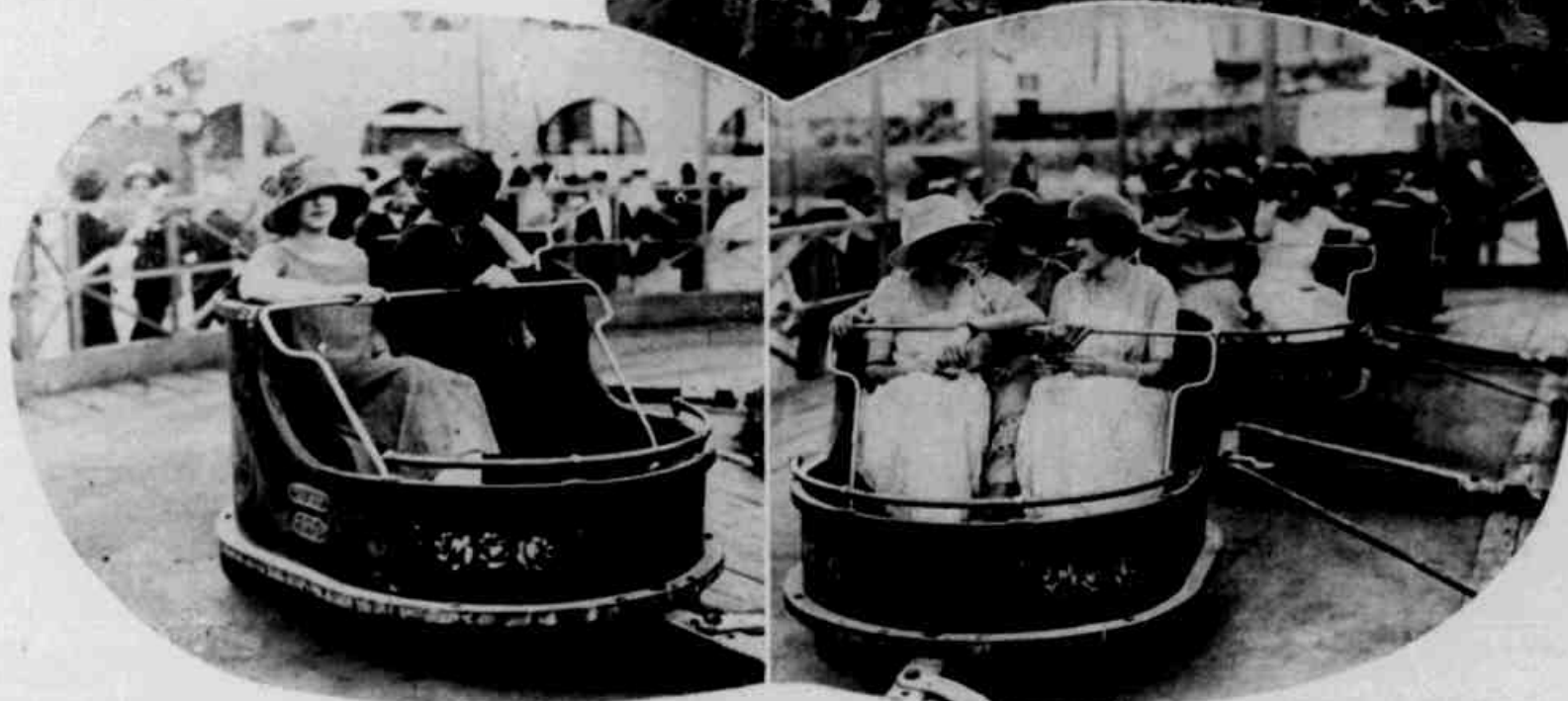
NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CENTENARIO

O PARQUE DE DIVERSÕES INAUGURADO

O magestoso Parque de Diversões visto de frente.

Grupo de convidados presentes á inauguração, vendo-se ao centro o Sr. Dr. Antonio Olintho, delegado do governo.

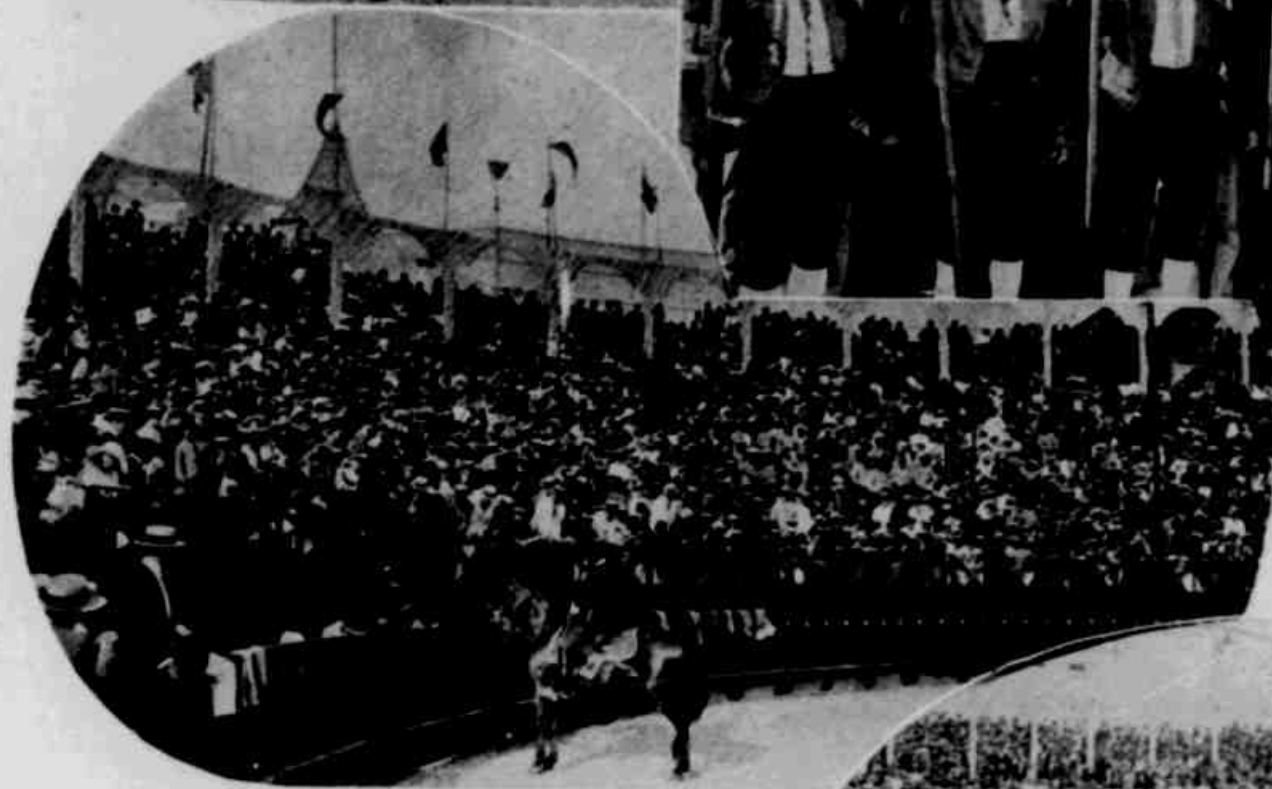
Com a inauguração do Parque de Diversões, está a Exposição Internacional do nosso Centenario na sua phase mais brilhante e attrahente. Anciosamente esperada essa inauguração e effectivada a 22 de Novembro, desde então, a frequencia na Exposição tem sido extraordinario, principalmente no recinto do amplo Parque, onde ha divertimentos de todos os generos, desde a casa doida ao Prado Ideal, cada qual mais excentrico e orignal.

Aos Srs. V. Fernandes, Lopes & Comp., concessionarios desse amplo recinto cheio de attractivos e que com sua inauguração crearam a phase aurea da Exposição, não devem ser regateados applausos pela brilhante iniciativa verificada.

Interior do Parque de Diversões, destacando-se a "Montanha russa".

Senhorinhas da sociedade carioca inaugurando o divertimento denominado "Chicote"

AS TOURADAS NO GRANDE COLYSEU DO CENTENARIO

Os cavalleiros José Casimiro e Adelino Raposo, que com tanto brilhantismo tomaram parte na corrida.

Grupo de moços do forcado

Aspecto das archibancadas, onde se apinharam milhares de espectadores.

A garbosa guarnição no recinto

Foi o grande acontecimento de domingo, a inauguração do Grande Colyseu do Centenario, com a primeira tourada genuinamente portugueza, que se realisou nesta capital. Cerca de vinte mil pessoas applaudiram a valente quadrilha, que nada deixou a desejar. As nossas photographias dão uma idéa do que foi essa estréa sensacional

Toureiros, capinhas e espadas

MLLE. FRISSON

Quando ella sáe a passeio
toda em seu crêpe romão,
parece mesmo que veio
de um acto do Ba-Ta-Clão.

Leva as almas inimigas,
como Venus no seu carro,
amarradas nas quadrigas
do seu tecido bizarro.

E ella vae indo... Quando anda,
dir-se-ia que vae dansar,
ao som de um cravo de Hollanda,
um "shimmy" de quebra-mar.

Recita Alvaro Moreyra...
E o seu modo, que eu adoro,
lembra-me um pouco a maneira
de Vera Mary Santoro.

De resto, é propria... E tão proprio
é de seus passos o som,
que mesmo nos sonhos de opio
não se ouve nada tão bom.

Toda a multidão delira
quando á Avenida ella chega,
como arcadas de uma lyra
bolindo os quadris de grega.

Grega, não! Que ella é completa
brasileirinha, animal!
como Bebé, .Antonietta,
Rosalita, etc... e tal.

Ama os cinemas... E' douda
por Rodolpho Valentino
por quem ella treme toda
como o primo João Paulino,

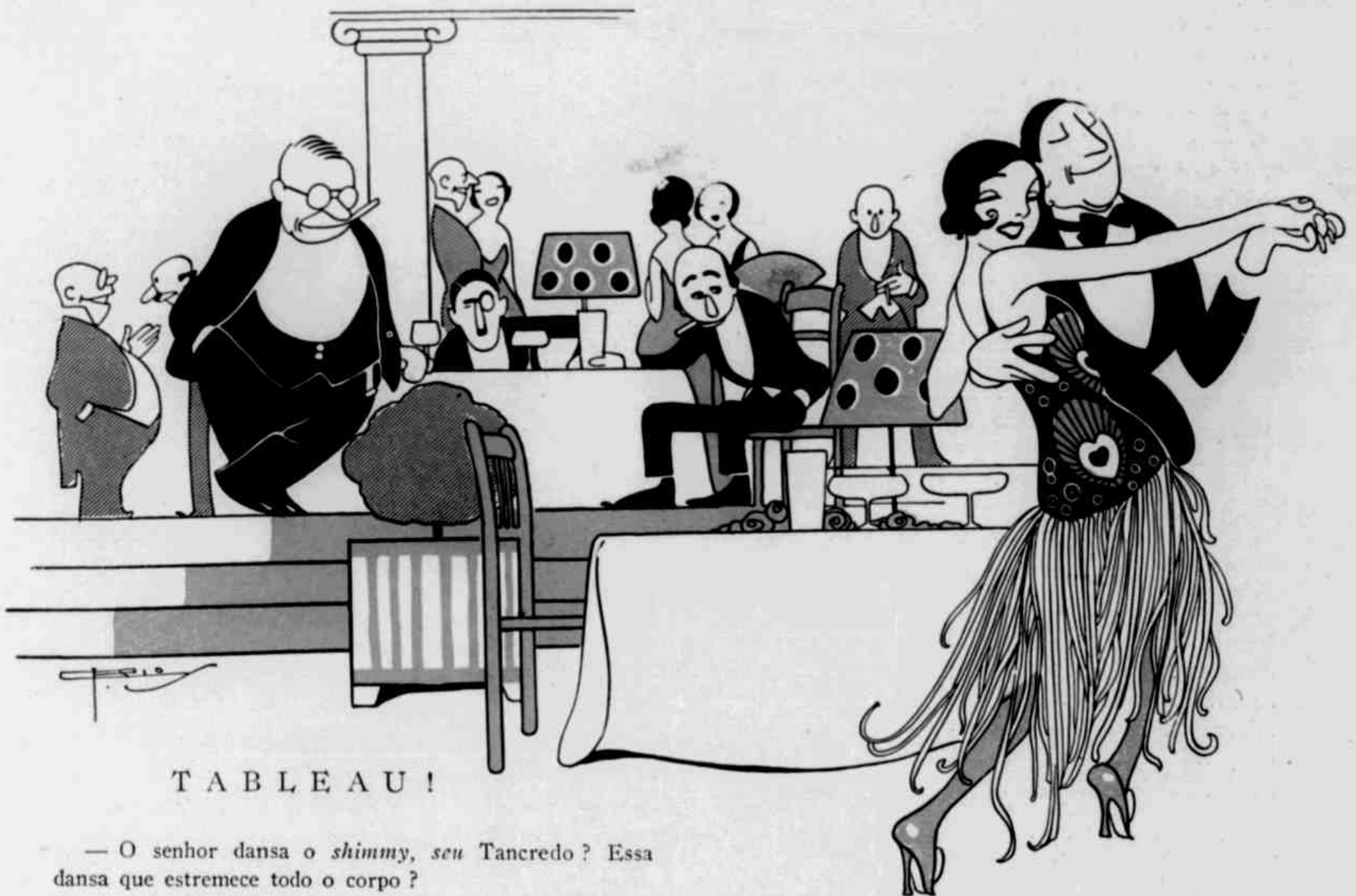
que é o seu "garçon" treme-treme
melindroso, côr de mel,
que a acompanha ao "bar" do Leme
e ás "tardes" do Gloria Hotel.

E' ahi que ella pompeia
o infinito do seu "charme".
— Das-me um beijo? Não. Que feia!
Faça o favor de deixar-me.

Não te atires, meu estrepe!
que, no maximo, terás,
em vez do seu lindo crêpe
seu corpinho de rapaz.

Porque ella é seculo vinte,
um ephêbo, branco e fina,
um menino que se pinte
para fazer de menina.

"Exquise" e sonora... E' o proprio
inegualavel bon-bon.
Evoca-me um sonho de opio
"mademoiselle Frisson!"

ON.

TABLEAU!

— O senhor dansa o *shimmy, seu* Tancredo? Essa dansa que estremece todo o corpo?

— Sim, senhorita. Já dansei uma vez num club de jogo, quando entraram por uma porta minha mulher, meu sogro e minha sogra...

(Desenho de J. Carlos)

Pequenos Poemas

CANÇÃO TRISTE

O vento é manso, a tarde é calma...
Chora uma fonte... Que haverá pela minh'alma?

Ha pouco o meu perdido olhar
sem ancia, sem desejo,
vagamente se poz a acompanhar
no espaço azul a desvairada linha
que uma andorinha abriu no espaço...
Tão triste e tão sózinha!

— Si ella voltasse! Foi tão nervoso o seu beijo,
tão doloroso o seu abraço...

Que saudade me trouxe essa andorinha!

OLEGARIO MARIANNO.

☆ ☆ ☆

AS GALERAS

Eu vi passar no mar illustre as grandes naves,
as galeras guerreiras que vieram de longe:
ellas cravavam no céo os mastros audazes
e fincavam nas aguas a espora de bronze.
Eram brancas e vellas.
E dentro dellas
havia homens que eram fortes como as espadas
e altos como as quilhas.
E os seus olhos contavam que havia ilhas
grandes e verdes como as esmeraldas,
onde as sereias
dormem, inflammadas ao sol, sobre as areias,
ou cantam canções longas,
pelas cem mil boccas das ondas...

As galeras passaram. E, de noite, quando
cheia dos meus pensamentos ligeiros,
a lua submarina foi mostrando
a ponta clara sobre o mar, pensei que era ella
uma galera
cheia de guerreiros...

GUILHERME DE ALMEIDA.

☆ ☆ ☆

OUTONO

Outono!
és minha vida...
Murchas, dos arvoredos silenciosos,
as folhas, uma a uma, vão tombando
na quietude outonal...

A alma da Tarde branca, commovida,
tem como vagos sons mysteriosos,
resto dos sonhos que se vão passando
saudosos
numa attitude muda, glacial...

Torre eburnea das cousas do Passado!
um dia, branca sombra pensativa
bateu á tua porta...
Então, era o reinado da Alegria...
E os sonhos nessa época festiva
eram como um poema eternisado
na apotheose do Amor.
Depois a velha torre enlanguecida e fria,
numa agonia immensa,
curvou-se á dôr.

A sombra era a Descrença.

Veiu depois o Outono.
E, com elle, essa longa nostalgia
que domina, que invade...
Da velha torre interrompeu-se o somno.
Outra sombra bateu. Era a Saudade.

ORLANDO PENNAFORT.

☆ ☆ ☆

MACHIAVELICO

Ha horas em que minha alma sente e pensa,
Num tempo nobre que não mais se avista,
Encarnada num principe humanista
Sob o Lyrio Vermelho de Florença.

Vejo-a, então, nessa historica presença,
Harmoniosa e subtil, sensual e egoista,
Filha do idealismo epicurista,
Formada na moral da Renascença.

Sinto-a, assim, flor amavel do Hellenismo,
Virtuose — restaurando os velhos mappas
Do genio antigo, entre exegéta e artista.

E ao mesmo tempo, por dilletantismo,
Intrigando a politica dos papas,
Com a perfidia elegante de um sophista...

RAUL DE LEONI.

☆ ☆ ☆

AD TE CLAMAMUS...

Em meio á noite má que nos circumda,
povoada de uivos, guais e maldições,
Causa das causas!, baixa á terra immunda,
desce á miseria atroz que nos impões.

De um jorro de astros nossa treva inunda,
e alarga os nossos tristes corações,
por que contenham essa dôr profunda
de nunca ver-te á altura em que te pões.

Fantasma ultriz!... Sombrio arcano odiento,
como ha de o raso humano pensamento
conter-te dentro do seu surto vão,

si, alheio ao nosso inutil sobresalto,
sempre és maior, mais tragico e mais alto
que a nossa amarga desesperação?

ABGAR RENAULT.

CONTO DE FADAS

Seculo XVIII!... A fascinação maravilhosa destas palavras!... Só de murmural-as, mais pensadas do que pronunciadas, um tempo lindo apparece, cheio de sol, com aromas finos no ar, jardins florescendo, passaros cantando, homens sorrindo e a graça das mulheres pondo em tudo uma poeira de deslumbramento...

As mulheres do seculo XVIII!... Vejo-as agora, muito claras, nas suas saias amplas, pelas alamedas sem fim... Os sapatos, iguaes aos da Gata Borralheira, dizem coisas á areia e ás folhas mortas do chão... A tarde desce. Ha musicas de aguas entre o céo e a terra... Ellas passam... Reticencias de desejo e de saudade... Mme de Pompadour veiu de junto do rei... E o rei ainda não sabe que Mme du Barry existe...

Seculo XVIII!... Conto de fadas das creanças velhas... Como eu gosto de ouvir-te da bocca invisivel da minha imaginação... Emquanto, lá fóra, a chuva cáe, é noite de luar, aqui dentro; os pardaes estão dormindo, mas um cravo envolve o silencio no rythmo de uma aria macia...

— Conta mais... Conta mais... Conta sempre...

ALVARO.

Mme de Pompadour, por La Tour.

Um salão no seculo XVIII, em Paris. O chá á ingleza em casa da Princeza de Conti. — Quadro de Ollivier.

Mme du Barry, por Decreuze.

BOTÕES

— Aquelle sujeito ali é crapula até não sei onde...

— Perdão. Respeite-se a grammatica: até aonde...

— Oh! sim. E' verdade. Até aonde... Mas, como ia lhe dizendo, aquelle sujeito é um bom homem...

◇

— O senhor está sentado?

— Sim. Estou á espera de um bonde...

◇

— O senso commum é o resultado de uma educação commum...

◇

— Que é isso? Temos uma nova "Barricada?"

— Não. E' só para o motorneiro parar o bonde no poste...

◇

— Pois é como lhe digo...

— Qual historias! Isso é literatura...

— Não, senhor. Em literatura a gente nunca diz verdades... E o que acabo de dizer é dolorosamente verdadeiro... Por isso é que o senhor não acredita...

◇

— Faz hoje vinte e dois annos que um grande poeta morreu...

— Bem... vou ao barbeiro...

◇

— Quando um homem mata a sua amante, que grande amor! A gente só ama bem quando odeia...

— Ou quando não ama...

VIOLET GRANT, DAS COMEDIAS "CHRISTIE"

Cinema Para todos...

UM !

O Rialto, cumprindo o seu fadario doloroso, acaba de encerrar sua época como cinema e passa d'agora em diante a abrigar, na exiguidade do seu palco, uma companhia de comedias organisada para, dizem, produzir dôr de cabeça aos exploradores do seu visinho Trianon.

Que preste para esse genero de espectaculos o estreito corredor, que é o Rialto, é uma cousa que resta provar ainda.

Pena, entretanto, que se vá esse salão de projecções, o segundo em capacidade da Avenida e aquelle que mais facilmente poderia ser transformado, tornando-se porventura o unico cinema digno desse nome na Avenida Rio Branco.

E' um caso triste esse dos cinemas do Rio! Ainda recentemente movimentaram-se os exhibidores em protestos contra a aggravação de impostos que os ameaçam, por parte da Prefeitura e por parte da União.

Relativamente aos impostos dos outros paizes, os nossos, entretanto, não pódem ser taxados de excessivos. O que ha na realidade é que casas de espectaculos com a capacidade reduzida ao minimo, como são as nossas, e divididas em muitos casos em duas salas, sem possibilidades de explorar economicamente os grandes films de elevado custo, difficilmente se poderão manter com o augmento do custo da producção dos films, com a baixa cambial e ainda por cima com a aggravação das taxas municipal e federal.

Fossem entretanto salões cinematographicos com capacidade para 1.500 a 2.000 espectadores, e mesmo com preços reduzidos de entrada, poderiam perfeitamente supportar todos esses contratempos e produzir ainda excellente renda aos seus exploradores.

Nós vivemos a girar dentro desse circulo vicioso e nelle permaneceremos até que algum capitalista venha resolver o problema dotando o Rio de Janeiro de uma casa digna dos grandes films que hoje se perdem por sua exhibição propositalmente viciada já pelos córtes já pela velocidade que os operadores imprimem aos apparelhos, premidos pela angustia do tempo, pela necessidade de dar "tantas" sessões por dia.

O Central e o Rialto são, dos salões da Avenida, os dois mais vantajosamente exploraveis por sua capacidade.

Entretanto, a incapacidade commercial de quem os têm até aqui explorado, transformou-os em salões, aos quaes só de raro em raro, algum espectador mais corajoso ia quebrar a silenciosa paz do deserto.

Não é motivo este, entretanto, para que não deploremos, como devem todos deplorar, a perda do Rialto para o commercio cinematographico.

Vae-se o primeiro cinema.

Será só este?

Já se tem tanta vez falado no arrendamento do Central tambem para uma companhia theatral, que não será motivo de espanto que ao estabelecimento do Sr. Pinfildi venha acontecer o mesmo que ao do Sr. Darlot.

Se isso se dér, aliás, só teremos perdido os salões, porque em materia de programmação, os dois rivalisaram sempre. A não ser no breve espaço de semanas em que projectou em sua téla os films da United Artists, o Rialto só nos offereceu a alcaidaria arrematada a peso nos depositos da Friedrickstrasse.

No Central o Sr. Pinfildi dá, ás vezes, "um tiro" com um bom film, mas isso é tão raro!...

E por que hão de films como os da Paramount, do First National, da Goldwyn e outros passar nas saletas do Avenida, do Odeon ou do Parisiense, quando o seu natural destino seriam os amplos salões de grandes e luxuosos cinemas, que bem comporta e já deveria possuir a nossa principal arteria?

OPERADOR.

A NOSSA CAPA

Agnes Ayres é das estrellas da Paramount uma das que mais rapidamente se impuzeram á admiração do publico, já por suas qualidades physicas, já pelos seus dotes artisticos.

Foi n'"A Fornalha", da Realart, passada em Outubro de 1921, para estréa dessa marca, que essa artista surgiu como estrella.

Em films posteriores, da Paramount, fez ella varios papeis de importancia, que mais e mais a acreditaram.

Agnes Ayres nasceu no Illinois, (Carbondale). Foi educada em Chicago. Foi "extra" da Enanay; trabalhou na Vitagraph. Tem 1m63 de altura, pesa 60 kilos; cabellos louros, olhos azues e divorciada. Joga o golf, nada muito bem. Adora as rosas, de que cultiva grande copia de variedades no seu "cottage" em Hollywood.

*

No proximo numero: HAROLD LLOYD.

NOVIDADES CINEMATOGRAPHICAS

No ultimo film da deliciosa ex-bailarina de *Follies Ziegfeld*, Mae Murray, *Rose of Broadway*, trabalham Monte Blue, (que vimos tambem em *The Peacok Alley*) e Alma Tell (interprete tambem de *On with the dance* e *Idols of Clay*).

☆ ☆ ☆

A leading-woman de Dustin Farnum no film *Silencio perdoavel* é Ethel Gray Terry (irmã de Eillen Percy e de Telma Percy). A direcção é de Bernard Durning, marido da *mignone* Shirley Mason.

☆ ☆ ☆

Antonio Moreno (cujo verdadeiro nome é Antonio Garrido Monteagudo Moreno), está fazendo uma fita com Gloria Swanson.

☆ ☆ ☆

O actor que trabalha com Priscilla Dean em *Mel Sylvestre* é Robert Ellis, marido de May Allison.

☆ ☆ ☆

O novo film de Rodolpho Valentino é *The Young Rajah*, tendo por principal interprete feminino a loira Wanda Hawley.

☆ ☆ ☆

Priscilla Dean está actualmente filmando *Under two Flags* (Sob duas bandeiras, que vimos ha alguns annos com Theda Bara, Herbert Heyes, Claire Withney, etc.

☆ ☆ ☆

Na *Salomé*, da admiravel tragica russa Alla Nazimova, faz o papel de Herodes o conhecido actor Sheldon Lewis, ex-astro da Select.

☆ ☆ ☆

No film da Fox, *A fool there was*, trabalham Estelle Taylor, Marjorie Dawn, etc. (Este film foi passado em nossas télas ha muito tempo, creio em 1916 com o titulo de *Escravo de uma paixão*, tendo como *star* a admiravel Theda Bara e *leading-man* o estupendo Edward Jose, que hoje é director de scena).

1) *Frank Mayo e Josephine Hill.*
2) *Peggy O'Dare.*
3) *Priscilla Dean.*

☆ ☆ ☆

No recente film de William Russell, *Poder da vontade*, é sua *leading-woman* René Adorée (Mrs. Tom Moore).

☆ ☆ ☆

Charles Ogle, da Paramount, tem uma mala cheia de roupa que lhe presta optimos serviços, como actor caracteristico, que é. Diz elle que, se quizesse vender essa roupa, não lhe pagariam mais do que 50 dollars, mas que se tivesse de compral-a, custar-lhe-ia mais de mil dollars. Ultimamente comprou dez fatos por 25 dollars, ou sejam 2.50 cada um, e quando se lembra que um galã tem que pagar, pelo menos, cem dollars por um terno novo, dá graças a Deus de ser um actor caracteristico.

☆ ☆ ☆

Fern Andra, chama-se Fern Andrews e é americana. Os Andrews eram de Watscka, em Illinois. Ella deixou a casa para trabalhar num circo, e depois foi para a Allemanha. Dizem que a mãe della ainda vive em Indianopolis.

A CARREIRA DE UMA ARTISTA

HA dez annos, uma mulher de meia edade, com um sorriso amavel e especialmente muito gorda, era vista sempre muito occupada na cozinha do studio da velha Biograph, em Los Angeles, atrapalhada, a preparar as refeições para um grupo de eminentes directores, actores e actrizes.

Neste grupo de "eminentes", estavam D. W. Griffith, Mack Sennett, Mary Pickford e Mabel Normand.

Mary, naquelle tempo, era sómente Mary Pickford, uma actrizinha intelligente. Griffith era o grande homem que fazia um assombroso film de duas partes e Mack Sennett era o artista muito engraçado que atirava pasteis á ***cara*** *de Mabel Normand.*

Pois bem; a mulher de meia edade que preparava a "boia" para tal grupo, tinha tanta competencia na arte culinaria, que foi chamada para comparsa.

Mack Sennett, avaliador das coisas e com o estomago sempre muito cheio, viu que a figura da robusta mulher causava hilaridade, e, pondo de parte outros comediantes, perguntou-lhe se gostaria de trabalhar nas fitas. A senhora acceitou e pela primeira e unica vez na historia da cinematographia, uma pessoa alcançou um logar de proeminencia, como artista de cinema, devido á sua habilidade em cozinhar.

Esta mulher, que fez desta sua arte um degráo da escada do successo, era Sylvia Ashton, a "mãe", na tela, de muitos actores e actrizes, com as suas 45 primaveras.

Alguns annos antes della ser a famosa cozinheira da Biograph, trabalhara no palco. Estava, um dia, em S. Francisco, "cavando" para tomar parte num acto de "vaudeville", quando o hotel em que estava hospedada incendiou-se. O fogo destruiu tudo que ella possuia, inclusivé as suas roupas. A senhora Ashton achou-se só, numa cidade estranha, sómente com cinco dollars na carteira e com a roupa que estava no corpo. Supersticiosa, a primeira coisa que fez foi comprar uma passagem para Los Angeles e seguiu num cacaréo a que chamavam barca. Nada conhecia de Los Angeles, porém, a "mamãe" Ashton achava que lá não podia ser peor do que em S. Francisco. Tinha esperanças de que alguma coisa arranjaria, e assim, gastou ella o seu ultimo centavo para ir para a "Cidade dos Anjos".

Na barca, jogando cartas, tomou conhecimento com uma mulher que era muito amiga de Fred Mace, o antigo comediante da Biograph, que muito já nos fez rir através das comedias da Keystone.

Era o dia de São Patrick, e a tal mulher, uma esplendida cozinheira, vinha a chamado delle para preparar o jantar de celebração ,no studio da Biograph.

A distancia entre Los Angeles e S. Francisco era pequena, mas quando as ondas eram muito fortes e jogava muito a tal "barca", o resultado era que havia logo casos de enjôo, e isto foi justamente o que aconteceu á conhecida de Sylvia Ashton. A mulher era para chegar lá e ir logo para a cozinha, não havia tempo a perder. Mace estava no cáes esperando quando a Sra. Ashton appareceu amparando a mulher que ia fazer a alegria dos corações — ou por outra, — dos estomagos dos membros da Companhia Biograph.

Mace chegava a ter visões dos quitutes do seu jantar do dia de S. Patrick, mas a coitada da mulher não póde trabalhar. A Sra. Ashton offereceu-se então, para tomar o seu logar e o offerecimento foi acceito. Os leitores agora saberão deduzir o resultado deste jantar.

O primeiro dia de Sylvia Ashton, no cinema, foi um dia horrivel. Largar o fogão assim de repente para ser artista de cinema, foi um máo pedaço para ella. Mas, felizmente, ella atravessou a tempestade e, em poucas semanas, já era uma comediante regular. Mais tarde, Mack Sennett foi ser o director das comedias da Keystone e ella ficou sendo um dos membros da companhia. Trabalhou tambem na L-Ko., na "troupe" de Billie Ritchie.

Dez annos, mais ou menos, trabalhou ella em comedias, mas tinha desejos de fazer coisas melhores do que pancadaria. Com a sua longa experiencia no "vaudeville", julgava poder fazer qualquer outro trabalho que não fosse em comedias. E Sylvia Ashton tinha mesmo muita confiança em si propria quando abandonou as companhias de comedias, depois de tanto tempo, para procurar melhores papeis.

Depois de tres mezes, encontrou-se com Jeannie Mac Pherson, uma sua conhecida dos dias da Biograph e que lhe aconselhou pedir a Cecil B. De Mille para tomar parte em Esposas velhas, por novas, *que elle estava dirigindo naquelle tempo. Por sorte, ella era justamente o typo de que De Mille precisava*

(Conclue no fim da revista)

AGNES AYRES

TRAGICO TRANSE

(THE ORDEAL)

Film Paramount — Producção de 1922

DISTRIBUIÇÃO

Sybil Bruce	Agnes Ayres
Helen Crayshaw	Edna Murphy
Dr. Robert Acton	Conrad Nagel
George Crayshaw	Clarence Burton
Geoffrey Bruce	Edward Sutherland
Elisa	Claire Du Brey
A sra. St. Lewis	Adele Farrington
Barão de St. Lewis	E. Corey
Minnie	Anne Schaeffer
Sir Francis Maynard	Edward Martindel
Kitty	Shannon Day

NÃO havia e nem podia haver questão de amor no casamento de Sybil Bruce e Geoffrey Bruce. Ficando orphã e pobre, com uma irmãsinha aleijada e um irmão em tenra idade, Bruce, que fôra socio de seu pae, que jantava, frequentemente, em sua casa e que sempre se mostrára carinhoso com os "pequenos", offereceu-se para tomar conta della, de Helen e de George, tendo ella concordado.

Geoffrey falára-lhe paternalmente; seria para ella um segundo pae; lembrou-lhe a sorte que teriam os seus queridos irmãosinhos privados do conforto a que estavam habituados. E Sybil não soube recusar a "felicidade", que era, na opinião de todas as suas amigas, um casamento com aquelle homem rico.

Mas, já em plena lua de mel, Sybil começou a experimentar as primeiras sombras das decepções. Geoffrey deixára cahir a mascara e ella percebia, ao cabo do primeiro mez, que não passava de uma mulher a mais na existencia daquelle homem, existencia essa tão cheia de mulheres. Ella fôra a carne tenra, o corpo virgem que accendera a chamma do desejo e da lubricidade naquelle espirito, saciado de mulheres experientes.

Era esse o estado d'alma em que Sybil se achava quando Geoffrey deu por finda a sua lua de mel, regressando da sua viagem de nupcias a New York. Geoffrey já estava cansado do "kindergarten" (jardim da infancia), como elle chamava a mulher e seus irmãosinhos, e, uma vez em Nova York, despachou-os para a sua propriedade no campo. Sybil respirou. Ainda mesmo que o ar puro e fresco das montanhas, os seus panoramas cheios de belleza, não tivessem para ella um encanto supremo, o simples facto de se libertar da presença de seu odioso marido bastava para ella receber como um signal da piedade celeste aquelle exilio que Geoffrey lhe infligiu. E, ao demais, não estavam ali, ao seu lado, Helen e George, unicos objectos dos seus cuidados, felizes naquella vida de sol e de ar livre, sob a vigilancia tambem de Minnie, a velha negra, reliquia de familia?

Sybil sentia-se quasi feliz, concorrendo talvez, para isso, Roberto Acton, o seu mais proximo visinho, que exercia a honrosa e humanitaria profissão de medico. Conhecera-o desde a primeira semana da sua estadia, mesmo tendo a plena certeza de que a creança já não precisava mais dos cuidados inherentes á sua profissão. Quem sabe se, com elle, não se daria o mesmo que com Sybil, para quem o dia não começava emquanto ella não visse, descendo a trilha da sua casa, aquella figura sympathica e risonha. Sybil não analysava os seus sentimentos, que não eram, por certo, de amor. Geoffrey usára desta palavra no dia do seu casamento, e só essa lembrança a fazia tremer de horror. Ella chamava amizade ao prazer que sentia em estar ao lado de Roberto, de lhe dizer coisas intimas, de se ver comprehendida, prazer este que, até então, ella não conhecera.

E a vida lhe corria assim...

Numa bella tarde, Geoffrey chegou, inesperadamente, á sua casa de campo. Um pequeno incidente fez nascer no seu espirito perverso a suspeita aviltante sobre as relações de sua mulher com o Dr. Acton. Pouco depois, este chegava. Ou-

Quando recobrou os sentidos Acton estava a seu lado

Helen adquirira saude e outras coisas mais...

viu taes improperios e taes allusões relativas á Sybil que comprehendeu ser aquella a sua ultima visita á casa de sua digna amiga.

E Roberto partiu...

Sybil soffreu, resignada, todos os insultos que o marido lhe assacava em pleno rosto, e viu seu irmãosinho que, na inconsciencia da edade, procurava tomar a sua defesa, maltratado pela grosseria de Geoffrey.

— Queres ir com elle? — perguntou Geoffrey a Sybil, apontando o caminho por onde se fôra o Dr. Roberto.

Porém ella, apesar de ver o seu brio, e a sua dignidade de mulher offendidos pelas palavras insultuosas daquelle homem, respondeu-lhe, altiva, com voz firme e sem hesitar:

— Não, ficarei!!

E' que pelo cerebro lhe correra, com a rapidez que só o pensamento é capaz, toda a ruina que se seguiria a um gesto decisivo e impensado de sua parte.

Não subsistiam todas as causas que a haviam atirado, infelizmente, aos braços daquelle homem?

Geoffrey, dois dias mais tarde, voltava á sua propriedade de campo, e as suas primeiras palavras á mulher foram:

— Como vae o teu apaixonado? Ah! Creio que ainda não sabes: fiz um novo testamento e em termos bem claros, acredite-me. Pela minha morte, tudo que possuo te pertencerá sob a condição...

Fez uma pequena pausa e, com ar ironico e destacando bem as palavras, continuou:

Atira-se como um desesperado sobre Sybil

Morto como um malvado...

— ... Sob a condição de não te casares novamente. Isto quer dizer: ficarás com o dinheiro pelo qual casaste commigo, ou o trocarás pelo teu apaixonado. A escolha está na tua vontade...

Sybil nada respondeu. Não tinha coragem de discutir com aquelle monstro, com aquelle homem sem um resquicio de imputabilidade moral, capaz de todas as indignidades, de todas as villanias, a ultima das quaes fôra a revelação que lhe fizera a velha preta Minnie, de que havia surprehendido Geoffrey em fragrante delicto de intenções maldosas para com Helen, uma creança, e, além disso, doente, aleijada! Era horrivel! Foi, talvez, com intuito de desviar essa ameaça tremenda á honra da inexperiente Helen que a esposa de Geoffrey, durante o jantar, achando-se a sós com elle, manifestou-lhe o desejo de levar Helen a Paris, para tentar a sua cura.

Sybil ouviu então, cahidas dos labios daquelle biltre, as palavras mais repugnantes que a amoralidade póde engendrar num cerebro humano. Geoffrey lhe propunha dar o dinheiro para a viagem se ella quizesse insuflar no espirito da irmãsinha a sua idéa nojenta.

— Fica tudo em familia — dizia elle com um cynismo revoltante.

A indignação e o asco de Sybil explodiram com uma energia de que ella não se suspeitava capaz. E a discussão estalou violenta. Geoffrey patenteou toda a brutalidade de seu espirito, toda a ferocidade dos seus instinctos, dirigindo-lhes, a ella e á irmã, as mais terriveis ameaças.

Em dado momento, Geoffrey, ebrio de odio, atira-se, como um desesperado, sobre Sybil. Ella conseguiu fugir-lhe, fechando-se na bibliotheca. Elle procurou ainda arrombar a porta, blasphemando, atirando-lhe as maiores injurias. Subito, Geoffrey, deixando a porta, levou as mãos ao peito. Sentiu que o seu coração não pulsava normalmente e, em gritos de angustia, pediu, incessantemente, que o soccorressem. Apiedada, Sybil abriu a porta da bibliotheca e correu a apanhar o frasco de medicamento que elle tinha sobre a mesinha de cabeceira para taes emergencias. Voltou á blibliotheca, que se achava em immersa em meia escuridão, collocou num copo uma dóse do medicamento e deu ao seu marido para que tomasse. Geoffrey tomou a droga. Poucos segundos depois, com um soluço rouco a lhe sahir da garganta, cahiu offegante. Sybil, então, desesperada, num estado excessivamente nervoso, foi acommettida de um forte deliquio.

Muito tempo depois, voltando a si do desmaio que a accomettera, conseguiu reconstituir a scena quando viu Minnie, que, apanhando os fragmentos do copo que Sybil deixára cahir da mão, resmuneava:

— Morto como um malvado... vontade de Deus... vontade de Deus...

O testamento do morto puzera Roberto Acton longe de Sybil. Elle nunca mais voltára nem fizera nenhuma tentativa para vel-a. Sybil, entretanto, procurou tirar daquelle maldito dinheiro a unica felicidade que podia — o bem estar dos seus irmãos e a cura de Helen. E, na verdade, dois annos depois da morte de Geoffrey, Helen confiada ao cuidados dos cirurgiões francezes, adquirira saude... e adquirira outras coisas mais.

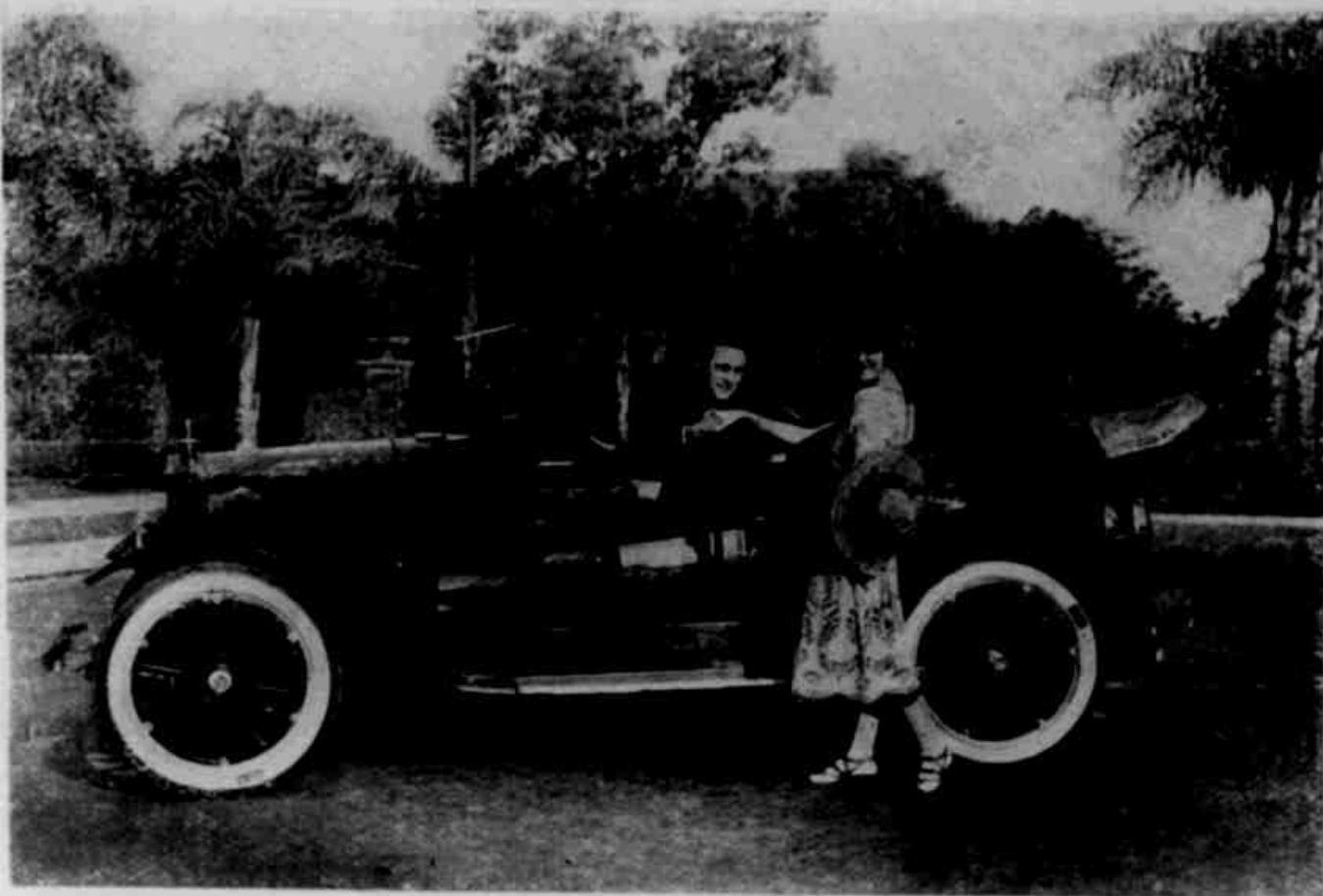
(*Termina no fim da revista*)

Uma aventura romantica

A's vezes é o acaso o maior protector dos artistas de cinema. Por annos lucta um delles á cata do momento em que a fortuna passe ao seu alcance, para a segurar pelo unico cabello, que, segundo a tradição, ella possue. Alguns conseguem fazel-o, mas com outros succede haverem adormecido, extenuados pelo esforço e pela espera no instante justo em que passa a Deusa inconstante. E o momento perdido jámais se renova.

Ora, aqui temos um caso succedido a um artista de cinema que prova como o acaso é o occulto protector, o distribuidor dos favores da sorte.

Em uma das provincias do extremo norte do paiz, nasceu vae para vinte e seis annos, Antonio Rolando. De genio aventureiro, mal lhe espontava o buço, embrenhou-se pela selva amazonica, e transpoz a fronteira, galgou os Andes e foi buscar fortuna nas famosas minas de prata que por tantos seculos mantiveram o fausto e o esplendor da realeza hespanhola. Ahi atirou-se elle a um labor insano, fazendo vida commum com gente de todas as nacionalidades, de todas as côres, de todas as castas.

Rolando trabalhava na mina que um yankee explorava e se bem que a vida fosse rude, não se dava mal. Elle ganhava na luta a experiencia e a rigesa dos musculos que mais tarde de alguma coisa lhe haviam de servir.

Um dia o proprietario da mina e sua esposa quizeram descer á mais profunda das galerias abertas, em inspecção.

Desceram de facto, dispensando a companhia dos guias, mergulhando na escuridão da galeria. Alguns momentos decorridos porém, da bocca das galerias irrompeu formidavel clamor. Por um desses phenomenos tão frequentes nas empresas de mineração, abatera-se uma das paredes da galeria sob a pressão da agua que corria, subterranea, ao lado. E todo aquelle pessoal, surprehendido pela brusca invasão da galeria, agitando-se, nadando, patinhando, debatendo-se ancioso por se libertar, foi aos poucos chegando á bocca da galeria. Mas, na contagem dos mineiros, escapos [illegible]os, verificou-se a falta do proprietario da mina e de sua esposa. Surprehendidos em alguma das ramificações, a agua, se não os havia já feito succumbir, cortára-lhes a retirada.

Rolando offereceu-se, ante o assombro dos companheiros, a procural-os e mergulhou resolutamente na sombria galeria em que marulhava, ameaçadora, a agua. Minutos se passaram. Decorreu o primeiro quarto de hora, o segundo... e de subito, eil-o que surge, trazendo em sua companhia os dois americanos. A moça, sacudindo a sua lo[illegible] cabelleira, indifferente ao perigo, co[illegible]ssava risonha:

— Foi o banho mais completo e mais inesperado de minha vida.

Passaram-se alguns annos.

Aventureiro como sempre, partiu Antonio Rolando para os Estados Unidos.

Fascinava-o o cinema, nelle punha todas as suas esperanças.

Bom sportman, dotado de musculos de aço, infatigavel dansarino, cavalleiro emerito, por que não lhe havia de sorrir o destino como a tantos outros?

Conseguiu, depois de muito esforço, penetrar no primeiro studio. Fez alguns papeis insignificantes, estudando, observando, preparando-se para a carreira. Confiaram-lhe outros de maior responsabilidade. E, posto a posto, foi galgando os da escada

Antonio Rolando, no seu "Essex", despedindo-se de Mrs. Peggy Hamilton

Antonio Rolando, palestrando com Mrs. Peggy Hamilton

Antonio Rolando, em seu gabinete, com as suas novas costelletas

cinematographica. Nos ultimos tempos, depois de um desastre que lhe custou dois mezes de hospital e um mundo de dollars despendidos com o tratamento, elle começou a ser notado com mais insistencia. Seus triumphos choreographicos no Hotel dos Embaixadores, de Los Angeles, suas feições typicamente accentuadas e um par de costelletas que elle deixou crescer propositadamente, iam tornando Antonio Rolando um nome popular.

Foi por esse tempo que Miss Peggy Hamilton, que costuma escrever para as revistas e jornaes profissionaes, solicitou-lhe uma entrevista. Queria a jornalista yankee lançar *Antonio Rolando.*

Mas que surpresa, quando se defrontaram os dois! Miss Peggy era aquella mesma moça por elle salva outr'ora na mina boliviana, e que do seu salvador conservava uma imperecivel recordação.

Rica, com grandes relações nos meios cinematographicos, Miss Peggy tomou o nosso patricio sob sua protecção e resolveu transformal-o em um astro.

Obteve-lhe logo varios contratos. Deve o nosso patricio trabalhar no futuro film de Gloria Swanson, quando esta terminar o em que trabalha actualmente; com William Desmond, em Around the World in 18th days, *está elle a concluir outro para a Universal.*

Miss Hamilton pertence a uma das mais velhas e importantes familias da California. E' uma das leoas de Los Angeles, correndo á sua conta algumas das mais recentes creações da moda nessa grande cidade. E' a redactora da secção de elegancias e mundanismos do Los Angeles Times *e possue avultada fortuna. Muito bonita, seu prestigio é enorme nos meios sociaes californianos.*

Antonio Rolando teve sorte.

O acaso offereceu-lhe a occasião para triumphar.

Acompanhemos com sympathia a carreira do nosso patricio.

Los Angeles, XI — 22.

P. L.

■

Em "Across the Continent", figura Mary Mc.Laren, irmã de Katherine Mac. Donald, e ex-estrella da Universal, ao lado de Wallace Reid.

■

Em "The proxy daddy", a "leading-woman" de Thomas Meighan é Leatrice Joy.

Antonio Rolando, em uma de suas caracterisações

■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■

RELOGIO RECONCILIADOR

Film Realart — Producção de 1920 — Direcção de Maurice Campbell

DISTRIBUIÇÃO

Edna Morriss.....	CONSTANCE BINNEY	Bispo Astor......	Herbert Fortier
William Morriss..	William Courtleigh	Grace Astor......	Helene Linch
Dodd............	Sydney Bracey	Senador Dart.....	Edward Martindel
George Potter....	Arthur S. Hull	Jack Dart.........	JACK MULHALL

William Morriss lançava sobre si todas as culpas pelo que occorrera. Pois não lhe tinham dito todos que se elle proprio educasse a menina e a enchesse de versos lyricos, de sonhos romanticos, e a levasse em cruzeiros pelo Mar dos Caraibas e pelo Mediterraneo, a pequena cresceria na convicção de que este mundo é um verdadeiro paiz de fadas, onde não ha mares do Norte, nem rajadas impetuosas de Inverno, onde uma varinha basta para converter os desesperos em extasis, em bons sonhos as peores agonias?

Só tinha que se queixar de si mesmo. Como podia ter lido a pobre criança, claramente, em George Potter? Tudo quanto delle pudera ver fôra por certo o seu lindo rosto, a sua boa posição, e a circumstancia de que outras mulheres, mais velhas do que ella, andavam a correr atraz delle. E, quando Potter se voltou para ella com um impeto ardoroso como ella jámais conhecera, o seu pobre coração bateu azas como um passaro afflicto, Edna pensou então que essa perturbação desusada devia ser o amor.

Estivesse a mãe viva, ou não fosse elle, William Morriss, um velho louco, e nada do que se passara chegaria a acontecer! Ah, — bem o via agora — não convem fechar n'uma caixa de crystal uma "Borboleta Branca" para que ella só veja, o mundo e os homens, tingidos das côres do prisma.

Cem annos que vivesse, Morriss nunca se esqueceria do rosto que ella tinha naquella horrenda manhã.

Acordara um pouco mais tarde que de costume, para a revelação pasmosa: Edna tinha fugido! No mesmo instante, decerto por um acto instinctivo, pensara em George Potter. Talvez porque na noite anterior Potter estivera no camarote delles, no theatro, ou porque nos ultimos tempos o houvesse sempre encontrado muito perto dê onde andavam elle e a filha. N'aquella ultima noite elle patenteara porém uma grande intimidade com Edna, e debruçado sobre a sua cadeira, não parara de lhe fallar baixinho, durante todo o terceiro acto. Acudia-lhe que Edna parecia perturbada, que o seu modozinho habitual, tranquillo e frio, parecera alterar-se como se o encrespasse uma tormenta. Mas William Morriss não se deixara impressionar por isso, pois não acreditando que Edna gostasse de George Potter, tinha o perigo por absurdo e ridiculo. Elle devia entretanto ter visto que não havia ali gostar nem não gostar: era um facto... comico, e nada mais. Elle devia ter visto que George Potter, branco ou preto embora, era moço, que ella era moça tambem, que se estava na primavera, que por todo o parque e á beira de cada alameda, as flores estrelladas já levantavam para o sol as cabecinhas, sem cuidar de que as pizassem ou as deixassem viver. Assim fôra com Edna, tambem.

N'aquella manhã, ainda antes d'elle estar vestido, dois "detectives" tinham apparecido em seu quarto, a informal-o de que George Potter praticara um avultado desfalque, de que havia provas abundantes em poder da policia, e de que estavam os dois, activamente, na pista do mancebo. O embaixador Morriss não os quereria acompanhar?

Annuio, abalado da surpreza: que se teria passado com George Potter? De ha um mez vinha sentindo a seu respeito vagas desconfianças; mas que fazer em face das altas recommendações que elle trouxera, da situação de destaque e abastança de que gosava a sua familia? Ainda agora, mal podia acreditar no testemunho de sua propria razão. Abanando a cabeça, acompanhára os agentes ao carro que os esperava. E reflectia: ia resignar o seu cargo. Estava ficando sentimental, — consequencia, sem duvida, da velhice. A sua fria e clara perspectiva das coisas deixava-se, agora, empanar, de vez em quando, pela névoa da illusão. A juventude, nos tempos que corriam, trazia á volta da cabeça um resplandor que o não deixava vel-a bem. Não a via bem, nem mesmo quando ella errava...

Davam nesse momento volta a uma esquina e defrontavam com a igreja, de cuja porta vinha, justamente, sahindo Edna, a sua Edna, pelo braço de George Potter.

Edna avistou-o e escancararam-se-lhe os olhos. George Potter a viu tambem e teve um sorriso que fazia mal ver.

O embaixador Morriss desceu do carro, acompanhado pelos dois agentes, e formulou a inutil pergunta:

— Que significa isto, Potter?

— Significa, simplesmente, que sou seu genro, — respondeu o mancebo, num tom arrogante.

— Genro meu?! Não! — respondeu o embaixador. — Mas isso, de todo o modo, não vem ao caso neste momento. Sabe para que estão aqui estes dois homens?

— Adivinho-o.

— E então?

E Potter, enfrentando-o numa attitude que reunia todas as suas reservas de cynismo:

— Estou certo de que o sr. embaixador não se resignará a consentir que vá para a cadeia o seu... o marido de sua filha!...

— Infelizmente, o assumpto não é da minha alçada, sr. Potter — disse o embaixador. — Senhores agentes, cumpram o seu dever!

Ao que parece, Potter, porém, preparára-se para essa contingencia, muito embora a tivesse talvez por absurda ou remota, pelo menos; e, assim, quando os agentes movimentaram-se para agarral-o os seus braços perderam-se no vacuo tão somente. Valeu-lhe, nessa emergencia, a sua superior educação athletica; e o jovem Potter fugiu, sumiu-se da vista de todos, ainda antes que qualquer das quatro pessoas ali presentes pudesse reflectir sobre o que se acabava de passar.

Edna desmaiou, e Morriss apressou-se a reconduzil-a para casa. Os agentes proseguiram na caça ao criminoso, e de volta, tres horas depois, referiram que Potter seguira na direcção do rio. No momento delle se lançar á agua, haviam feito fogo, e não mais o haviam visto voltar á superficie.

Tres longas semanas, o embaixador e a filha aguardaram que o corpo fosse encontrado. Mas não o foi nunca mais.

O solar dos Morriss, nas visinhanças de

Não acreditando que Edna gostasse de George Potter...

Philadelphia, depois de deshabitado durante tantos annos, ia, agora, voltar a ser occupado novamente.

Ali nascera William Morriss, ali haviam morrido seu pae e sua mãe, ali vivera com a esposa, ali nascera a filhinha, ali havia expirado a sua companheira adorada. Era, pois, uma vivenda povoada de infinitas recordações; e William Morriss, mal entrára na vida publica, abandonára a velha residencia, para viver com a filha onde quer que o levassem os encargos da sua carreira diplomatica.

Ali, voltava agora, e já escrevera á velha mordoma, communicando-lhe, porém, que iam viver uma vida muito tranquilla e que não precisariam, portanto, de um grande trem de casa.

Afinal de contas, todas aquellas recordações tinham esse perfume cheio de doçura, e Morriss sentia-se cançado, bem cançado. Logo após o tragico drama daquella manhã de primavera, elle e Edna tinham viajado durante dezoito mezes seguidos; e, assim, quando, finalmente, elle dissera á menina que achava bom voltarem "para casa", Edna comprehendera muito bem o que aquella expressão significava.

— Havemos de esquecer, — disse-lhe, — e buscaremos preservar do escandalo o nosso velho nome. Tu és moça e eu sou velho. Não será difficil para nenhum de nós alcançar o esquecimento.

Jack passava em casa de Morriss quasi todos os dias

Edna sacudira, lentamente, a cabeça, com um sorriso, pois, no mais intimo do seu coração lacerado, sentia bem que jámais poderia esquecer. Nem a Riviera, nem os castos Alpes, nem o ruido de Paris, nem a ensolarada Sicilia, lhe haviam varrido da mente a memoria daquella manhã, a lembrança do olhar de que se incendiára o rosto de George Potter, a idéa do seu corpo nunca mais encontrado.

Nunca o amára. Sentia-o bem agora. Mas, pelo espaço de uma hora de loucura, enamorara-se do amor, e fôra elle, George, que lhe déra a fugaz illusão. Era só. A primavera aturdira-a poderosamente, quasi a derrubára, e fôra elle quem lhe estendera o amparo dos seus braços, chamando-lhe de lindas coisas, coisas que então lhe haviam parecido lindas. Agora, via bem, entretanto, que fôra apenas um sonho febril, do qual despertára por fim, doente ainda, cheia de dores.

Muitos, muitos e muitos annos teriam que passar-se antes que ella pudesse arrancar da sua carne o ultimo espinho dessa recordação. Mas não queria que seu pae soubesse. Demasiado havia elle soffrido já. Ferido em seu orgulho, exonerára-se do cargo de embaixador para melhor se esconder na obscuridade; mas essa obscuridade podia ser feliz para aquelle que tão poucos annos mais tinha a viver na terra, e Edna não queria marear-lh'os, dando-lhe a perceber que a recordação daquella Primavera ainda a martyrisava intoleravelmente.

Foi depois disso que Edna conheceu Jack Dart.

O senador Dart, que adquirira a propriedade contigua a de Morriss, ficou radiante ao saber da identidade do seu visinho. Não raro, amenisava mesmo, agora, as horas de jantar, contando a Jack episodios sobre a arvore genealogica dos Morriss, anecdotas sobre o pae, o avô e o bisavô de Morriss, sobre o nobre varão que fundára a familia, antes de todos esses. Jack achava que o pae, nessas coisas de arvores genealogicas, falava sempre como pessoa de pouco espirito, mas o velho Dart ponderava-lhe que as arvores genealogicas não eram coisa que se prestasse a alardes de espirito, fosse para quem fosse. E ao filho, indifferente ao assumpto, não deixava de accentuar:

— Linhagem e tradicção, meu rapaz, são das poucas coisas que se não podem comprar! Eu, por exemplo, com todo o dinheiro que tenho, não conseguiria comprar um avoengo a nenhum preço!

Mais tarde, quando Jack conheceu Edna, começou a considerar com mais sympathia as arvores genealogicas em geral, e, particularmente, aquella de que brotára a familia dos Morriss. E agora, era já elle que animava o pae a abordar o assumpto á hora do café, deleitando immensamente o velho e infundindo-lhe a esperança de que o filho viesse por fim a ter na devida conta as coisas da vida que merecem realmente um pouco de attenção.

Não sabia o ingenuo senador que Jack estava apaixonado, e que, portanto, tivesse Edna, pae ou não, com avós ou sem elles, apaixonado estaria da mesma forma.

O que, porém, observara o pae Dart, com doce enternecimento do seu coração, é que Jack passava em casa dos Morriss quasi

Edna e Jack penetraram um tanto hesitantes na bibliotheca

(Continúa no fim da revista)

O DEMONIO

(THE DEVIL)

Film Associated Exhibitors — Producção de 1920.

DISTRIBUIÇÃO

Mimi	Sylvia Breamer.
Mary Matin	Lucy Cotton.
Paul de Veaux . . .	Edmund Lowe.
George Roben	Roland Bottomley
Dr. Muller	George Arliss.

OPINIÕES DA CRITICA

Film muito interessante.
Moving Picture World.

Muito artistico; soberba interpretação.
Motion Picture News.

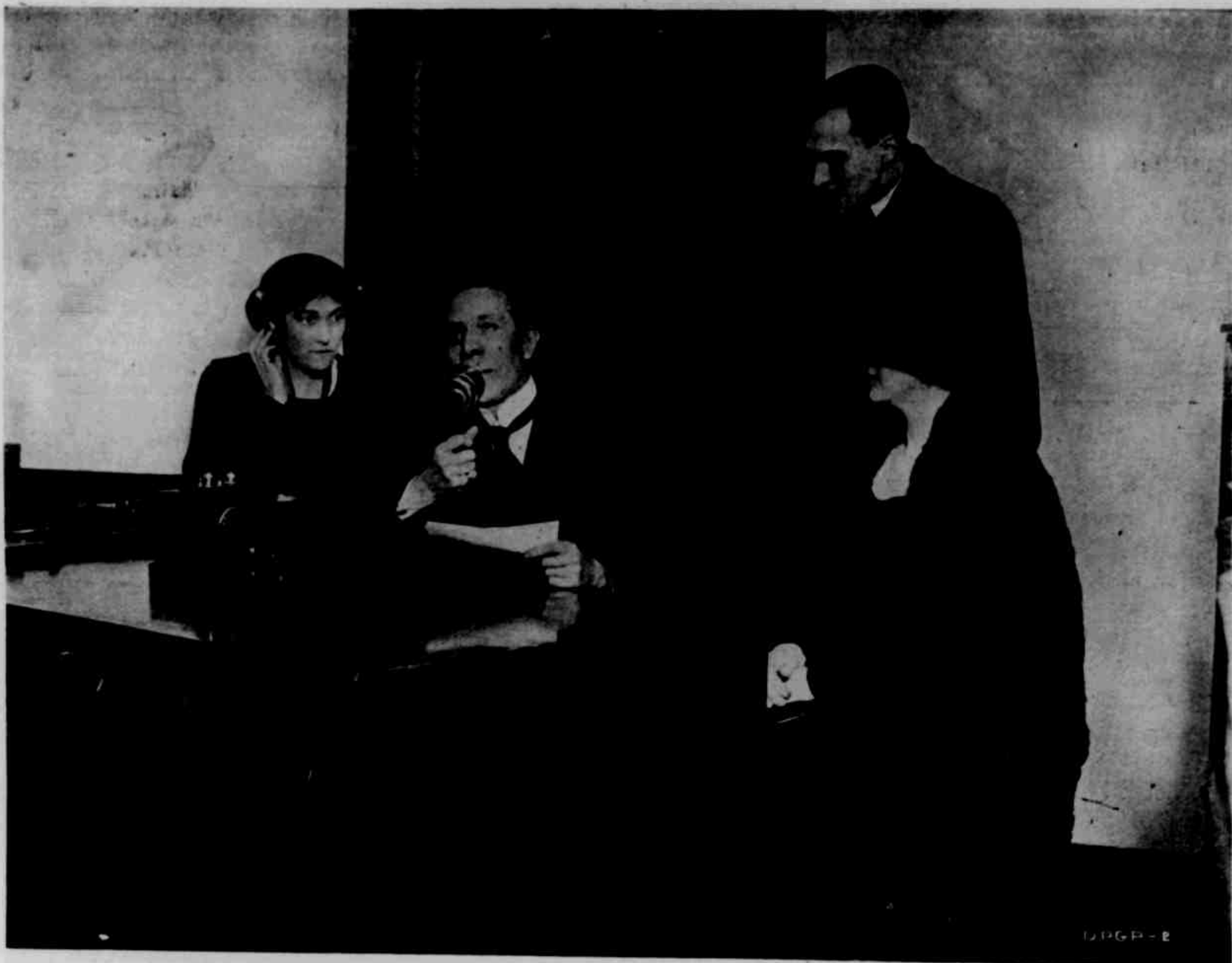
Direcção magistral, excellente interpretação.
Exhibitor's Trade Review.

Producção boa; excellente interpretação de George Arliss.
Wid's.

Rico, distincto de maneiras e de trato, sabendo insinuar-se, captando todas as sympathias, inspirando confiança, o Dr Muller era um desses typos que os psychiatras classificam como degenerados, mas que a sabedoria popular denomina simplesmente "genios do mal" e tão grande era o seu prazer e o seu poder em crear o mal, onde quer que penetrasse, com uma astucia e habilidade taes que as suas victimas nunca suspeitavam quem era o autor das suas desgraças. Fôra esse perfeito *gentleman*, alma diabolica e mysteriosa, que o joven pintor George Roben e a encantadora Mary Matin haviam encontrado nas escadarias da galeria de arte dos Champs Elisées, em Paris, e que lhes apertou a mão com a effusão de um velho amigo, desfazendo-se nas mais expressivas demonstrações de cordialidade, quando, em seguida, George lhe annunciou o seu contracto de casamento com a rapariga que o acompanhava. O casamento... Era um thema excellente para um espirito sceptico, e o Dr. Muller bordava sobre elle as *badinages* da sua inquietante philosophia, a medida que caminhavam atravez das salas do museu. Uma creatura nunca se casava com a primeira escolha: a vida era um extranho enigma, não havia duas almas que a interpretassem da mesma maneira, divagava o doutor. Subito, detendo-se deante de um quadro intitulado *A Verdade crucificada pelo Mal*, representando o martyr do Golgotha, elle observou: "Ali está, por exemplo, um erro, segundo o meu modo de pensar". Mary examinou a pintura longamente e perguntou qual era o erro. "A idéa que elle encerra", redarguiu o Dr. Muller. Mas a moça achava que o artista havia invertido o assumpto, porque o Mal não poderia nunca dominar permanentemente a Verdade. E ouvindo-a discorrer, horriveis pensamentos, sem duvida, se agitavam no cerebro daquelle homem, porque Mary estremeceu num arrepio, ao sentir os seus olhos cravados nella, como uma serpente a fascinar a presa. Mas a impressão foi logo desfeita pelo sorriso amavel do homem. Roben havia se afastado dos dois e o Dr. Muller aproveitando-se do ensejo, approximou-se da joven e perguntou-lhe, baixando a voz: "A proposito, que é feito do joven artista Paul de Veaux, por quem a vi tão apaixonada?" A rapariga teve um sobresalto, empallideceu: "Paul ainda me ama, murmurou ella, e soffreu horrivelmente, quando o abandonei pelo seu amigo intimo, George". A confissão da moça foi como que a centelha de um clarão do inferno naquelle espirito do mal. Não estava ali o campo propicio para a semente de infelicidades, de que, afinal, deveria resultar o proveito que elle desejava — a posse daquella mulher? E o doutor insinuou que ella talvez se enganasse, acreditando amar a George; talvez fosse bom tentar uma reconciliação com o antigo amante e elle podia auxilial-a. Perturbada, duvidando dos seus sentimentos por George, Mary deixou arrancar-lhe o consentimento.

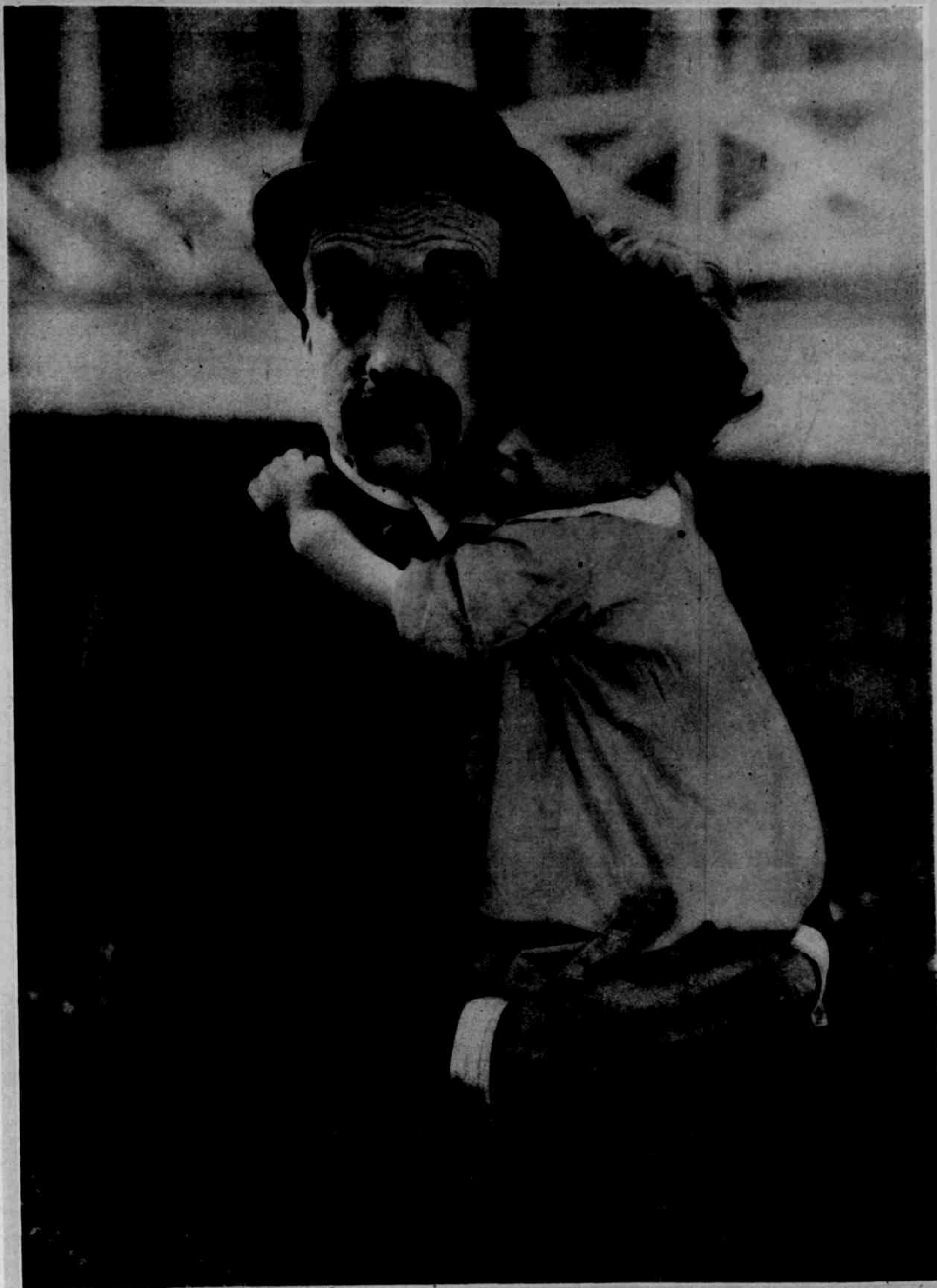
Pouco depois o Dr. Muller entrava no modesto aposento de Mimi, uma joven modelo de arte, creatura graciosa e em plena flor dos annos. Sempre generoso e fidalgo, Muller sabia crear dedicações e Mimi sentia-se feliz em poder prestar-lhe um serviço. Acompanhado da *grisette*, elle se dirigiu ao *atelier* do pintor Paul de Veaux. Vinha dar-lhe a encommenda de que lhe falára. Paul perguntou-lhe se afinal elle havia encontrado o assumpto, e Muller respondeu: "Você vae fazer o retrato de Mary Matin para mim". O artista saltou: tudo, menos aquillo. Muller o apostrophou: que não fosse covarde. Elle devia saber que Mary era um desses pavões sociaes sem coração, que se divertira com elle, atirando-o depois para o lado, por um amigo delle. Ali estava Mimi, alma sincera, creatura formosa, digna de consolal-o. Paul concordou, declarando que já pensara em Mimi, mas receara não ser attendido. Retirando-se do *atelier*, Muller levava um extranho brilho no olhar. Mary junto de Paul provocaria os ciumes de Mimi e ao mesmo tempo soffreria em se ver substituida no amor do artista, agora que ella voltava. Oh! como aquellas duas mulheres se odiariam! E os homens? Até que ponto o ciume e a paixão levariam aquelles dois rivaes? E, ao fim de tudo, a posse de Mary, daquella formosa mulher, que lhe excitava os instinctos. Decididamente, a partida era magnifica.

No dia seguinte o Dr. Muller acompanhava Mary ao *atelier* de Paul de Veaux, insuflando o ciume no espirito de Mimi, encorajando o artista á reconquista do antigo amor e prevenindo Mary contra a rival. Mas era preciso não deixar uma só lacuna na torva intriga, e George recebia tambem no seu *atelier* a visita de Muller, que lhe instillava no espirito o veneno da sua maldade.

Alguns dias após esses factos, o Dr. Muller, com o fausto que lhe permittia a sua fortuna, reunia nos seus salões a nata do *Tout Paris* elegante para um grande *bal masqué*. As suas victimas lá estavam. George Roben, acabrunhadissimo, perambulava isolado atravez da alegre multidão. O Dr Muller foi surprehendel-o na estufa, interpellando-o. Era natural que Mary voltasse ao seu primeiro amor, mas George não devia deixar-se vencer. Que disputasse a mulher que elle amava ao seu rival; era um direito, era um dever. Mas George não concordou e Muller teve um assomo de raiva, vendo falhar o seu plano de atirar aquelles dois homens um contra o outro. O reatamento das relações de Paul e Mary parecia completo, nos dias que se seguiram. Muller os observava de perto e suggestionava a ingenua *grisette*, abrindo-lhe os olhos ao perigo de um abandono da parte de Paul e aconselhando-a a mostrar-se forte contra a usurpação da rival. Mimi tinha o espirito intoxicado e planejava uma vingança. Foi nesse intuito que ella annunciou ao artista que não continuaria a *posar* para elle. No dia seguinte não mais voltaria, mas dava-lhe, si elle quizesse, a ultima sessão naquella noite, para elle terminar o

George Arliss fazendo uma conferencia sobre a censura, pelo telephone

trabalho. O artista acceitou. Ao sahir do *atelier*, Mimi encontrou Muller com Mary palestrando na rua. Tomando o doutor, a parte, disse-lhe, de modo a ser ouvida pela outra, que nessa noite, ás dez horas, ella e Paul fariam no *atelier* as despedidas. Sózinhos, sem ninguem a perturbal-os, seria um momento indiscriptivel, disse ella. Mary ouviu tudo e Mimi partiu certa de que a rival não faltaria á hora aprazada, si encontrasse meios de penetrar no *atelier* sem ser vista. E disso ella se encarregaria. A' noite, terminada a sessão de *pose*, o artista descansava no canapé, quando Mimi percebeu passos abafados no aposento contiguo. Era chegado o momento. Approximando-se de Paul, ella começou uma scena de amor exaltado, beijando-o, dizendo-lhe loucuras de amor, pedindo a de Veaux que a beijasse. O artista, que estava afflicto para ver-se livre della, fez o que implorava — beijou-a. Nesse momento a cortina se afastou e o vulto de Mary surgiu na sala. Livida, mordendo os labios, ella traduziu o seu ultraje num olhar de profundo desprezo por Paul: "Esta é a sua fidelidade!..." exclamou ella. "Mary!" gritou o artista aterrado. "Basta! interrompeu ella. Nada ha mais de commum entre nós".

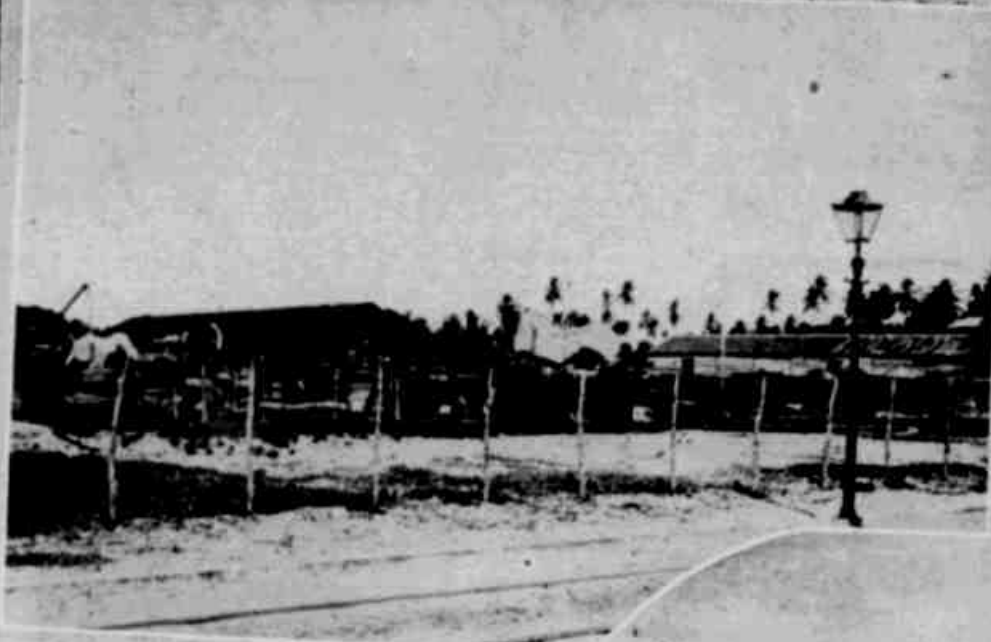
Não se passavam muitos dias e Mary casava-se com George Roben, partindo em viagem de nupcias. Muller curtia a maior decepção, deante do imprevisto desenlace dos acontecimentos; mas a maldade daquelle espirito era invencivel. Regressando Mary, elle foi visital-a e lhe falou da triste situação da pobre Mimi, que soffria immensa dôr com o abandono de Paul. Appellava para a generosidade do seu coração; que ella o auxiliasse em reconquistar para a triste rapariga o amor de Paul. Acreditando nos bons sentimentos de Muller, Mary se promptificou a "pagar o mal com o bem", dizia ella, e foi á casa de Paul. Logo que ella sahiu, Muller correu a George e lhe disse: "Vá ao *atelier* de Paul, e lá encontrará sua mulher em colloquio com o antigo amante". Insinuada a perfidia, elle proprio apressou-se em partir para o *atelier* de Paul de Veaux. Era impossivel que ainda dessa vez falhasse a sua negra machinação. Não tardou, porém, em verificar que a "Verdade não póde ser permanentemente vencida pelo Mal". Ao chegar, Mary confessou-lhe que "a sua presença, em vez de accender o antigo amor de Paul, com a sua bondade della fizera-o ver a Verdade". Mal acabava de pronunciar essas palavras, quando a porta foi aberta num arremesso e a figura terrivel de George, empunhando um revólver, assomou. Mimi, que o acompanhava, deteve-lhe o braço, dizendo com um sorriso de felicidade a lhe illuminar o rosto: "Ella só veiu aqui para nos unir de novo, a mim e a Paul..."

George comprehendeu, todos comprehenderam a origem de tanta perversidade. Dirigindo-se a Muller, elle mal podia conter a sua colera, a revolta que o atirava contra o monstro de maldade. "Vae-te alma do inferno, intimou elle. E não páres emquanto Paris não estiver a muitas leguas dos teus malditos pés". E Muller, humilhado, pallido, desappareceu, deixando uma grande impressão de allivio em todos aquelles corações em que elle derramára tanta tortura.

O ARTISTA COMICO DA PATHÉ N. Y., SNUB POLLARD, EM UM DOS SEUS FILMS

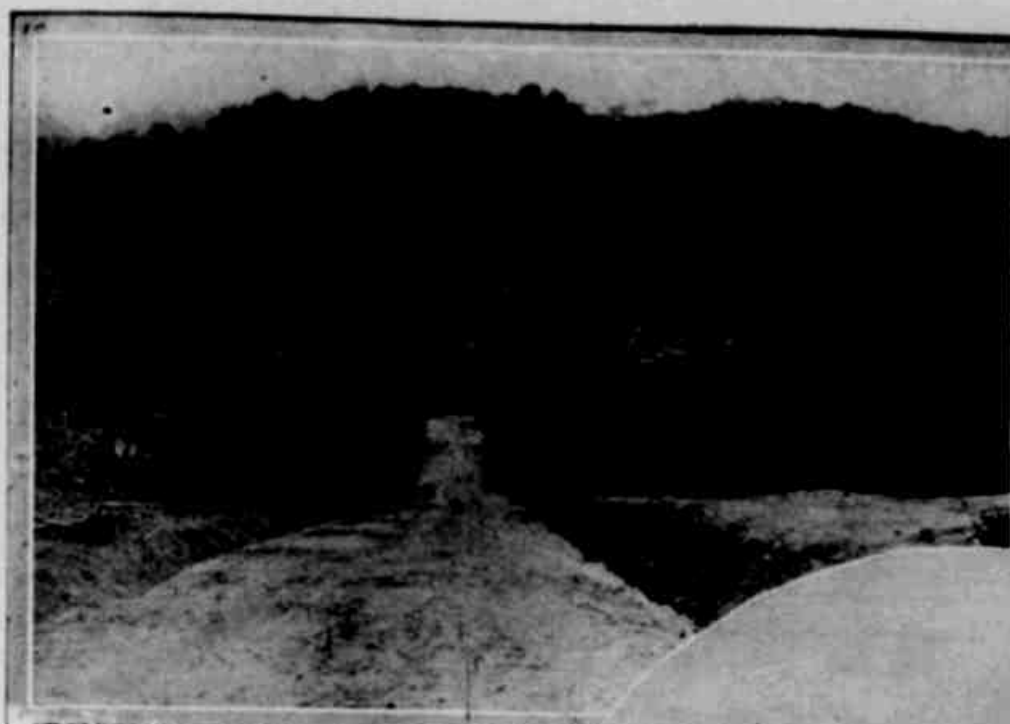
AS GRANDES OBRAS CONTRA AS SECCAS NO NORDESTE BRASILEIRO

Estrada de rodagem Fortaleza a Maranguape.

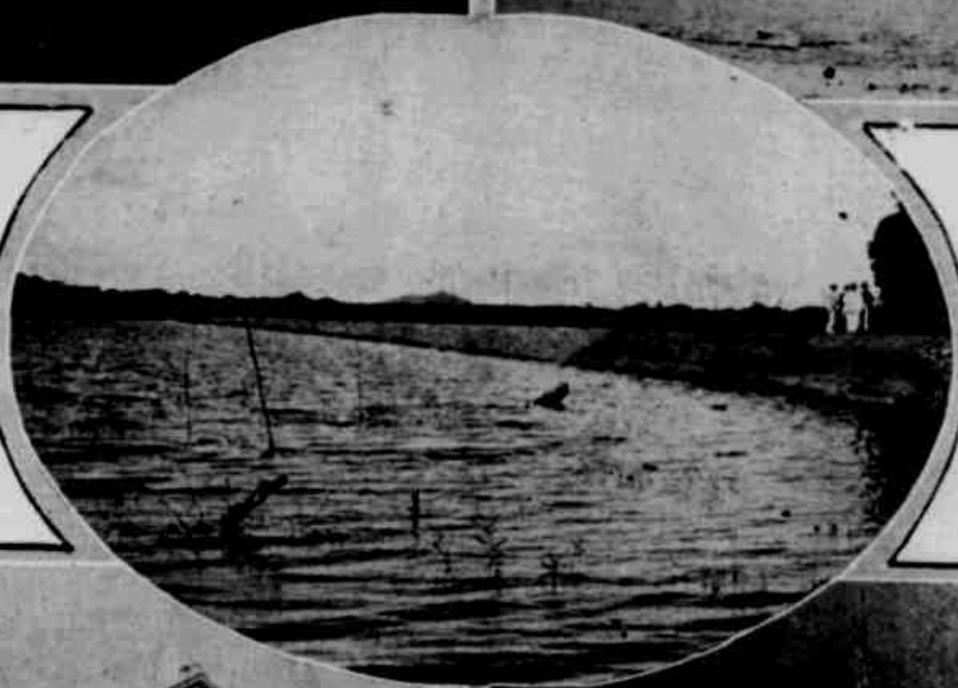
Mussejana: Casa onde nasceu José de Alencar, construida em 1806. — A' porta o seu actual proprietario, coronel Barros Lima, cunhado do grande cearense.

Deposito de materiaes em Fortaleza. — Trilhos e material rodante para o serviço de açudagem. — Estrada de rodagem Maranguape a Guaramiranga, kilometro 10.

Locomoveis e britadores, aguardando transporte para os açudes. — Estrada de rodagem Maranguape, Guaramiranga e Canindé.

Estrada de Ferro Ceará-Parahyba. — Ponte sobre o rio Salgado. — Serraria da I. F. O. C. S., em Fortaleza.

AS GRANDES OBRAS CONTRA AS SECCAS NO NORDESTE BRASILEIRO

Trecho da estrada de rodagem Baturité a Olho d'Agua. — Um aspecto do Açude Jangurussú.

Trecho já construido da estrada de rodagem Baturité a Olho d'Agua.

Trecho em construcção da estrada de rodagem Baturité a Olho d'Agua. — Açude Jangurussú, cuja barragem se desenvolve por quinhentos e cincoenta metros.

A cidade de Baturité, em pleno sertão cearense, afamada pelo seu delicioso clima. — Em Fortaleza: Armazem para deposito de material da I. F. O. C. S.

THEODORE KOSLOFF...

é um actor cujas qualidades artisticas cada dia vêm mais o impondo á admiração do publico e á admiração dos emprezarios. E' assim que em revistas yankees lemos que a policia russa acaba de consentir que saiam do ex-imperio suas duas irmãs Tonya Otradinsky e Nadia Kuntikhoff, e sua sobrinha Aleska Kruntikhoff, que devem ser portadoras das joias do artista, ha tempos confiscadas pelo governo revolucionario.

Entre essas joias, muitas de grande valor, estão varios mimos que recebeu da côrte de Petersburgo.

Faz pouco, interpellado sobre circumstancias de sua vida aventurosa, por um reporter, Kosloff narrou-lhe o seguinte episodio:

Na casa de Mary Pickford — O banho matinal no tanque de natação: Mary, sua sobrinha Mary Pickford Rupp e duas artistas do seu elenco.

"Estava eu no Cairo por essa época. Muito tinha ouvido falar nas celebres dansas orientaes que formam uma especie de ceremonia ritual, á qual não podem ser admittidos os infieis. Dizia-se que custaria a vida a satisfação de um desejo indiscreto como esse.

Eu, porém, sempre fui audacioso e como profissional, sempre desejei fazer um estudo comparativo dos movimentos choreographicos usados nessas dansas exoticas. Ora, á sahida do theatro, ouvi falar que na noite seguinte, um grupo de crentes iria realisar uma "Dansa nupcial". Como falo o arabe razoavelmente e no Cairo, entre individuos de raças diversas e diversas regiões, essa lingua é mais ou menos corrompida, pude com habilidade disfarçar-me envergando os trajes orientaes e offerecendo meus serviços como creado, em diversos estabelecimentos de diversão.

Pude penetrar por esse meio no recinto sagrado em que as dansas se effectuavam. Tudo ia ás mil maravilhas. Eu estava espantado de como as dansas ditas religiosas podem se revestir de qualidades tão profanas como aquellas a que eu assistia! Os meneios, de um sensualismo revoltante, dos figurantes, eram tudo quanto de mais livre tinham até então contemplado os meus olhos. Era um verdadeiro furor, um verdadeiro delirio o que tomava aquelles dansarinos que rodopiavam, saracoteavam, gingavam, esgotando-se em esforços.

Um delles vem, extenuado, cahir mesmo a meus pés. Eu, impulsivo, estendi as mãos compassivas para o soccorrer e amparar. Mas o dansarino mal lhe toquei, começou a gritar que eu não era um crente, que eu era um infiel, apontando-me ao furor da turba.

Um cento de punhaes ergueu-se contra mim e se não fosse a minha agilidade, não lhe estaria aqui contando esta historia. Olhe, conservo nesta mão ainda uma cicatriz, como recordação desse facto. Excusado é dizer que nunca mais fui assistir ás dansas arabes."

Seja minha mulher

(BE MY WIFE)

Max Linder Productions — Producção de 1921

DISTRIBUIÇÃO

A moça.	Alta Allen
A tia da moça. . . .	Carolyn Rankin
Archie.	Lincoln Stedman
Madame Coralie. . .	Rose Dione
O Sr. Coralie. . . .	Charles Mc Hugh
A Sra. Dupont. . .	Viora Daniels
O Sr. Dupont. . .	Arthur Clayton
O cachorro.	"Pal"
O noivo.	Max Linder

OPINIÕES DA CRITICA

Comedia muito divertida.
Motion Picture News.

❖ ❖ ❖

— Toma cuidado Max, porque Titia não gosta de ti — dizia Mary Smith, fitando o namorado, com uma nuvem de tristeza nos grandes olhos azues. De facto, a Titia tinha uma "birra solemne" do rapaz; não queria vel-o nem pintado. E Max sabia a razão: era "aquelle desgraçado Archie, aquella montanha de carne, aquella especie de baleia humana", que arrastava a aza á sua Mary e o intrigava com a Titia. Max, porém, sabia o que tinha a fazer: rachava-o pelo meio, matava-o como a um porco, promettia elle com ar feroz. Que elle não fizesse isso, deixasse o negocio por sua conta, dizia-lhe a namorada. Emfim, como era ella quem pedia, Max adiava por emquanto a vingança, mas não responderia pelo futuro. Mary achava que o caso era de domesticar a tia; que Max viesse visital-a á tarde. Outra coisa não pedia elle sinão visital-a, e, á tarde, lá estava rente, pondo desde logo em acção as suas qualidades de domador de féras. Titia tinha potes de flôres na janella, logo devia amar as flôres. Max começou a dispensar carinhos aos *geranios* da respeitavel senhora, mas aquellas amabilidades não cheiravam bem á Titia, que não tardou a descobrir que o jardineiro dava mais attenção do que devia á sobrinha. E foi por isso que Max sentiu uma pinça na orelha e um dedo a lhe apontar o andar da rua. Mas a namorada fez-lhe signal que a esperasse no jardim e Max estaria contente, si, ao sahir, não visse o seu rival que entrava, trazendo um bul-dog nos braços. Espiando pela janella, Max sentiu um grande desconsolo diante do acolhimento que a velha fazia ao tal pudim ambulante, só por causa do cão que elle trazia. Para poder esperar a namorada, sem levantar suspeitas, Max metteu-se nas roupas de um espantalho que descobrira atraz da casa. Mary veio encontral-o como haviam combinado, mas pouco depois o seu idyllio era interrompido pela Titia, que vinha seguida de Archie e do bul-dog. Max recolheu-se á sua posição de espantalho e assim teria ficado, si não visse o tal jacá de toucinho ajoelhado aos pés da sua amada, numa declaração de amor. Concentrando na ponta do pé direito tudo que possuia como força, Max mandou-o ao posterior do gorducho. E, emquanto Archie, atordoado, procurava a origem da intempestiva amabilidade, Mary soprou ao namorado que a Titia queria que ella tomasse lições de canto e que elle se apresentasse como professor. Dito e feito; no dia seguinte, mettido numas barbas postiças, Max mandava o seu cartão á velha dama: "Signor Gondolo. Professor de canto. Diplomado pelo Scala. Italia". Era o céo que o enviava, pensou a Titia, e pouco depois começava a primeira lição. Max sabia tanto de musica como de dizer missa. Com a Titia ali firme, sem arredar pé, a situação tornava-se critica.

Max suava frio e começava ficar nervoso. E a Titia firme! Por fim elle explodiu um formidavel murro no teclado, que fez tremer toda a sala. Mas Mary salvou a situação, e a comedia teria honrado os seus autores, si não fosse o professor observar que Titia já não mostrava muito interesse pela lição, e que, portanto, elle podia fazer o mesmo. Aproveitando-se da opportunidade para furtar um beijo á discipula, com o esforço, Max fez a barba postiça escorregar dos queixos para a cabeça, transformando-se num formidavel topete. Ante a extranha mutação, a Titia arregalou os olhos, Max sem se aperceber da catastrophe acreditou que a velha voltára a se interessar pela sua musica e atacou o compasso como *molto brio*. Reconhecendo o tal professor, a dama chamou o bul-dog, o cão accudiu e Max achou que o melhor era "dar o fóra" emquanto era tempo, e pela janella mesmo, que era o caminho mais curto.

Depois desse incidente, Max sentiu-se desolado. Para chegar até Mary era preciso passar pela tia e a tia era um Verdun na resistencia. Era preciso vencel-a, e Max architectava toda sorte de planos. Afinal, depois de muito matutar, veiu-lhe uma idéa. Faria de maneira que a velha acreditasse a sua casa assaltada por um ladrão e, no momento opportuno, elle appareceria em scena como o heroico salvador. Max poz-se á espreita da occasião, e, um dia, quando a dama sahiu acompanhada da sobrinha e de Archie, elle penetrou na casa e foi ao quarto da velha, onde collocou um par de sapatos de homem, atraz de um reposteiro, de forma a parecer um individuo occulto em posição de sahir do esconderijo. Em seguida foi st postar de alcatéa nas visinhanças da casa, á espera que o pessoal chegasse. Quando regressaram, não tardou que a senhora fosse ao seu quarto e voltasse gritando por soccorro. "Gatuno! Havia um gatuno no seu quarto".

Em meio do reboliço, Mary apanhou um revolver, entregando-o a Archie. Mas Archie olhou para a arma e perguntou a tremer: "E si o ladrão tiver tambem um revolver?"

— De certo que deve ter, retrucou a velha, mas não me faça suppôr que um homem do seu tamanho tenha medo. Si não puzer o ladrão immediatamente fóra, para outra coisa não me servirá o senhor e fará bem em desistir de andar rondando a minha casa, atraz de minha sobrinha. Archie não se movia. Mas nesse momento a porta da rua abriu-se com violencia e Max irrompeu na sala.

— Perdão! — exclamou elle — mas eu passava por aqui, quando vi na janella do seu quarto, madama, um individuo em quem reconheci um facinora perigoso. Peço licença para pôl-o fóra immediatamente, antes que elle a assassine". E sem esperar resposta, Max voôu pela escada acima e em baixo começou-se a ouvir o rumor de uma luta desesperada. Gritos, blasphemias, moveis que rolavam, e durante meia hora Max bateu-se como um leão contra... o par de botas que elle ali havia deixado para assustar a velha. Quando sahiu do quarto vinha todo rasgado, sem collarinho, cabello em desalinho e contou que atirára o ladrão pela janella — um sujeito grande, "maior do que Archie e que brigava como um turco". "E' porque não me foi auxiliar?" perguntou elle a Archie, absolutamente "enfiado" com todo aquelle negocio.

— Porque é um covardão de primeira ordem, respondeu a velha. E, voltando-se para Archie, accrescentou: "Ponha-se ao fresco "seu"... "seu"... geléa!"

De crista cahida, desmoralizado, Archie apanhou o chapéo e tomou a direcção da porta, sentindo-se mais pesado de algumas arrobas.

Max ganhára a partida. Só faltava o resto, que, afinal, era tudo. Mas, como recusaria a Titia a mão da sua sobrinha ao heróe que lhe salvára a vida e os bens? Retido para jantar, Max viu nas blandicias que lhe dispensava a velha, nos cuidados e sorrisos de que ella o cercava que a resolução dos mais importantes problemas depende muita vez de um par de sapatos. A questão é saber collocal-o. E aquelle fôra tão bem collocado que não se passou muito tempo sem que Archie tivesse de servir de *garçon d'honneur* a Max que se casava com a senhorita Mary Smith.

A CAVEIRA DE UMA ARTISTA

(*Fim*)

para o papel de Sophy Murdock, que foi representado por ella, magnificamente, como vimos.

Poucos mezes mais tarde, ella era um dos membros dos studios de Lasky, contractada para trabalhar, exclusivamente, em films da "Paramount".

Desde este tempo, pois, Sylvia Ashton tem trabalhado como "mãe" de quasi todos os artistas da costa da California e, deste modo, tornou-se tão popular que todos, desde o mais novo "extra" até Cecil B. De Mille, lhe chamam "mamãe" Ashton.

Ha poucos annos, ella achou que estava muito gorda. Foi a nove ou dez medicos, que lhe puzeram em dieta rigorosa. Ella, porém, arranjou um "trenador" e, tres vezes por semana, visitava um club de gymnastica. Em dois mezes, este methodo deu resultados e, no fim do anno, ella dispensou o "trennador", deixou de ir ao club e verificou que tinha diminuido 20 kilos. E ficou satisfeita com este methodo, porque não foram precisas dieta, nem massagens.

Agora, ella acha que um pequeno exercicio, todos os dias, faz conservar o seu corpo proporcionado.

Felizmente, está ella contente com o volume do seu corpo, mas nós, ainda, em "Um grande amor", achamos que ella devia continuar no tal club de gymnastica...

RELOGIO RECONCILIADOR

(FIM)

todos os dias de sol e a maior parte das noites de lua. Sentado em seu alpendre chegava-lhe frequentemente, por sobre os amplos relvados, por sobre as adoriferas sébes que margeavam a propriedade, os delicados accordes de um "ukulele", a que por vezes se uniam as vozes do rapaz e de Edna Morriss, cantando juntos.

O velho Dart sentia um secreto desejo de conhecer o embaixador Morriss. Tinha-se mettido em quantas aventuras lhe haviam vindo á cabeça, mas nunca cogitara de entrar de um modo activo na vida da sociedade. Sua esposa morrera quando Jack era ainda pequeno; e privado assim de uma mulher a seu lado, nunca déra attenção a esse aspecto jovial, que se podia emprestar á vida. Agora porém que Jack já era homem, agora que já haviam sido pelejadas as suas grandes batalhas, e ganhas quasi todas, agora que a finança, oppressora e cruel, havia sido para sempre subjugada, talvez lhe fosse agradavel ver que o nome de Dart começava a valer alguma coisa. Toda a vida trabalhara como um cavallo para fazel-o solido, e agora seria "esplendido" allial-o á tradição, e morrer tendo effectuado a maravilha de o alçar acima das passagens obscuras e humildes por onde o levára sempre.

Depois, havia de valer á pena conhecer um homem como William Morriss. Velho como era, ainda havia muita coisa de que o senador queria saber, de que lhe seria agradavel falar. Quem sabe se não seria possivel...

Do seu lado, William Morriss sentiu-se reconhecido desde as primeiras vezes em que Jack déra em pular a cerca que dividia as duas propriedades, para vir conversar com Edna e fazel-a rir como ella não ria desde muitos annos. E fôra para Morriss um prazer ver que a filha havia finalmente arrancado o "ukulele" da caixa em que tanto tempo dormira e que, agora, de vez em quando, cantava trechos de velhas canções predilectas, cheias de memorias para elle.

Os dois jovens entretinham as horas a conversar com elle, a passear a cavallo juntos, participando um ou outro baile ou "pic-nic" das visinhanças, e, nessas horas, resuscitava, maravilhosamente, a mocidade de Edna, que a magua do passado tanto tempo sombreára. Uma noite, com uma nota faceta, em que havia no fundo muita sinceridade, Jack referiu a alta conta em que o seu progenitor tinha a arvore genealogica dos Morriss e a muita satisfação que lhe daria conhecer de perto o embaixador.

A simplicidade do rapaz agradou ao diplomata, e a resposta foi bem o reflexo do seu contentamento. As arvores genealogicas eram um patrimonio de que mal se podiam envaidecer os seus possuidores, por isso que nenhum esforço lhes haviam custado. Muito mais de envaidecer eram obras como as do senador Dart, que representavam o esforço do homem, só do homem. Essas, sim, representavam legitimas victorias! Assim, mais do que satisfação, teria muita honra em conhecer o "Honesto John Dart", como lhe chamava todo o paiz.

Foi assim que, em meio do verão, vieram a ligar-se os dois homens, tão intimamente como se ligavam as suas propriedades. E agora, que Edna e Jack continuavam a doudejar sob o sol, a lua e as estrellas, passavam os dois visinhos tranquillamente as horas, ora conversando e fumando, ora reavivando memorias pessoaes, emquanto á volta delles desabrochava aquelle sonho...

— Papae, — disse-lhe um dia Edna, numa tarde de fim de verão — sabes que Jack e eu nos amamos

Morriss sentou-a sobre o joelho e respondeu:

— Sim... pareceu-me observar... — e parou timidamente.

Mas Edna proseguiu com doce gravidade:

— Quero, porém, que saibas, papae, que, desta vez, estou certa, bem certa... E não quero que te sintas tão triste pelo que... pelo que se passou em Washington, papae. E' que se aquillo não tivesse acontecido, eu não me sentiria agora tão certa como estou. Ah, papae! Como é differente o falso do verdadeiro! Tenho a certeza de que tu sentiste em ti o mesmo que agora eu sinto, quando desposaste mamãe...

Morriss acariciou entre as mãos a carne tenra do lindo rosto e disse:

— Deixa-me olhar bem os teus olhos... Têm a forma de um coração... — disse fitando-a.

Mas, de repente, sob as suas pupillas, surgiu a nevoa das lagrimas, lagrimas que não vinham de dores.

— Sim, foi assim, foi assim que eu me senti, minha filha...

— Em bem sabia, — disse Edna, debruçada para elle, beijando-o. — Jack pediu o meu assentimento esta manhã... E sinto-me tão contente, papae!... E' bem verdade que nem elle precisava ter-me falado, nem eu de lhe ter respondido, porque ambos sabiamos bem; mas, assim, foi melhor!...

E partiu a rir, correndo, como uma gazella alvoroçada

— Não pareces estar muito contente esta manhã, papae, — disse Edna, que, sentada em frente de Morriss, á mesa do almoço, já observara que os olhos delle, numa expressão de contida magua, não se despregavam della. — Estás hoje differente... A minha felicidade não basta então para te alegrar?

William Morriss evitou os olhos attonitos da menina.

— E' que estive pensando e... e não quero que te precipites, Edna. Afinal, reflecti que tens muito tempo! Nada, portanto, de precipitações. Nada de precipitações!

Edna seguiu-lhe os passos desde a sala de jantar á bibliotheca, e, installando-se sobre o braço da cadeira que elle escolhera, proseguiu, insistente:

— Mas, papae... E' que eu e Jack marcámos o casamento para outubro, de maneira que não podemos perder tempo. Marcámos para outubro por... por motivos que nós cá sabemos, e tu não tens que me perguntar... Mais tarde, depois que nós partirmos, tu e o pae de Dart, ambos poderão sentar-se á lareira e lançar-se a adivinhar... Aquelle dos dois que descobrir o motivo, ganhará...

— Basta, Edna! — atalhou a voz de Morriss, aspera, nervosa. — Por hoje, não falemos mais nisto. Comprehendes bem que o caso... que o caso me abalou um pouco... e que... e que preciso de tempo para pensar!

Jack appareceu ás primeiras horas da manhã seguinte, para saber o que havia. Edna, empoleirada no muro de alvenaria do poço, estendeu-lhe as mãos para que elle a arriasse ao chão.

— Tenho melhores esperanças esta manhã. Afinal, não devemos ser exigentes em demasia. Papae está ficando velho e tem, de vez em quando, as suas quisilias e rabujices. Mas passa-lhe depressa e, com certeza, elle hoje ha de ver as coisas como as viu quando eu lhe dei a primeira noticia.

Assim não succedeu, entretanto; e, apertado por Jack, por Edna, e até pelo senador Dart, para que consentisse num immediato casamento, Morriss oppoz uma formal e definitiva recusa.

— Mas, meu caro William, — insistiu o senador — convinha dar aos dois jovens pelo menos um motivo...

— O motivo que tenho é meu só, — affirmou o ex-embaixador, — e não o declararei. Recuso-me mesmo a dar quaesquer explicações. Em toda a minha vida, é a primeira vez que exijo se dê fé implicita á minha palavra, e muito me pesará não a merecer. Prohibo, terminantemente, que minha filha se case com o seu filho. E' tudo quanto tenho a dizer.

Edna, furiosa com o pae, acompanhou Jack e o senador, indo fazer "lunch" em casa delles.

— Francamente, não comprehendo papae, nem isto me parece coisa sua! Não parece o mesmo homem que sempre nelle conheci! Uma transformação...

— Nunca o viu assim, não é verdade? — interrogou o senador.

Edna declarou que nunca; mas logo lhe veiu á memoria certa manhã de primavera, dois annos atraz, o rosto de seu pae quando George Potter declarára "Sou seu genro". A physionomia de Morriss revestira-se, então, de uma expressão singular, que lhe era inteiramente alheia. Mas que relação podia haver entre a situação de então e a de agora? O criterio de seu pae não se turbára por certo, a ponto de o levar a tão absurdas comparações!

— Sabem a minha impressão? — disse-lhes o senador Dart. — E' que o velho Morriss não se conforma com a idéa de perder Edna. Não se habitua á perspectiva de lhes dar o "sim" e vel-os desapparecer. Digo isto porque, desde que vocês assentaram na sua resolução, falei com elle duas ou tres vezes e sei bem qual é o seu sentir a respeito da vossa união. Não tivesse eu essa certeza, e livrar-me-ia bem de intrometter-me nesse assumpto, que, afinal, bem mais a elle pertence do que a mim! Tenho, porém, bem certeza de quaes são os seus sentimentos, e parece-me que o que vocês têm do melhor a fazer é darem um passeio a New Jersey, casarem-se lá e voltarem. Eu me encarrego, entrementes, de ir conversar com elle e dar-lhe a noticia cautelosamente. Afinal, é a melhor solução. O prejuizo de vocês é só o da boda. Mas, tambem, que boda podiam dar dois velhotes como nós? Antes que lhes tivesemos preparado toda essa complicação de setins, rendas, flores, *garçons d'honneur* e marchas nupciaes, talvez já estivessemos a caminho do cemiterio!... E', portanto, o melhor que têm a fazer: vistam-se direito, corram a Jersey e acabem com isto de uma vez!

— E papae? — indagou Edna, afflicta.

— Eu me encarrego delle! — prometteu John Dart.

— Edna! — disse Jack num suspiro.

E mais não foi preciso para que Jersey se convertesse para os dois numa abençoada Chanaan.

— Casados! Casados?!

Morriss levantou-se da cadeira e cravou os olhos em John Dart, que o percebeu aturdido, cambaleante.

— Sim, casados, — retorquiu John Dart, mais audaz do que na verdade se sentia, — casados, e se você não fosse tão teimoso como é não precisaria, agora, estar a tremer diante de mim como um canniço, fazendo-me ainda perder a pouca coragem que me resta.

Galvanizado de improviso, William Morriss entrou em acção sem mais demora, e, aferrando John Dart pelos robustos hombros, sacudiu-o violentamente:

— Corra, corra depressa, pelo amor de Deus, e impeça o casamento se puder chegar a tempo! Edna... Edna é casada... foi casada... eu não sabia... Não os deixe!...

Mas, com violencia igual a de Morriss, Dart, o "Leão do Omaha", como, por vezes, lhe haviam chamado, obrigou o antigo diplomata a sentar-se de novo.

— Espere um pouco. Que está o senhor dizendo? Não entendo nada! Explique-se!

William Morriss contou, então, a Dart a historia de George Potter, do desfalque, do casamento de Washington, da diligencia da policia para a prisão do criminoso...

— O desgraçado conseguiu escapar dos agentes, atirou-se ao rio, mergulhou quando fizeram fogo sobre elle e nunca mais houve noticias suas senão...

— Senão — atalhou Dart — quando elle reappareceu aqui, supponho eu, nas ultimas 24 ou 48 horas, hein?

— Sim, — confirmou Morriss, — á meia-noite, uma destas noites, depois de Edna se recolher. Galgou uma daquellas janellas baixas. Disse-me que tem vivido em New York sob um falso nome, que ali tivera noticia do enlace ajustado entre Edna e Jack, e que, se eu lhe désse uma boa maquia, estava prompto a desapparecer... para sempre. Ora nisso, mesmo á parte o ponto de vista moral, eu não podia concordar, pois, é facil calcular que elle nunca desappareceria de todo. Por outro lado, Edna já soffrera tanto! O senhor não póde calcular! Ah, se o senhor a tivesse visto como eu a vi, naquella manhã, em Washington! E como, de improviso, ella perdeu toda a sua juventude! Depois, agora, a sua felicidade, a sua verdadeira felicidade desta vez! Como podia eu roubar-lh'a, como podia eu matar-lh'a! Que não seria della! Não ousei; puz a minha esperança em Deus, confiei em que o destino fornecesse alguma solução que aplacasse as minhas afflicções de pae, e não me occorreu que elles quizessem consummar tão depressa o seu enlace. Mas não me ouviu Deus, nem o destino me sorriu. E agora?... E agora, o que vamos fazer?

John Dart levantou os braços numa attitude perplexa.

— Sei apenas que os dois foram a Jersey e, nem que tentassemos alcançal-os, ao tempo de lá chegarmos, já os dois teriam tempo de estar de volta! Mas William, meu amigo, por que não me disse? Por que não me disse?

William Morriss sacudiu com desalento a cabeça; e, dissipada já a sua raiva, a sua excitação, parecia, agora, inerme e humilde ante o destino que o não servira:

— Devia ter-lhe dito, sim. E' o meu maldito habito de guardar commigo tudo quanto póde aborrecer os outros! Fiz mal, fiz bem mal...

Do lado de Jersey, na salinha aceiada de uma parochia campezina, ao tempo que o velho Morriss fazia essa penitencia, o dr. Whalen declarava Jack e Edna marido e esposa.

Edna e Jack penetraram um tanto hesitantes na bibliotheca da residencia do ex-embaixador.

— Tenho a certeza de que papae, não só nos receberá bem, como até ficará contente, — dissera, repetidamente, Edna, na viagem de regresso.

Entretanto, a recordação do rosto paterno ao prohibir o casamento, turbára um pouco a sua confiança.

Mas receios e esperanças, hesitações e boas palavras, tudo se desvaneceu quando,

ao abrirem a porta, se lhes deparou uma scena horrivel. No canto da sala, mais afastado da porta, jazia um homem no chão, o rosto voltado para baixo. Não longe, estava o senador Dart, com um revólver na mão.

Houve um momento de pesado, de profundo silencio, e, logo após, um terrivel grito estridente, que partia de Edna.

— Digam-me, por favor! Que significa tudo isto? Por que está o senhor aqui? E essa pistola?... Que significa tudo isto?

O senador Dart parecia atordoado.

— Calculo tenha sido Potter, — disse como num transe — sim, deve ter sido Potter. Seu pae, ha menos de quatro horas, tinha-me dito que Potter estava vivo. Foi por esse motivo que elle prohibiu o casamento. Ha quinze minutos parti, a ver se descobria algum traço de vocês. Quando voltei...

E apontou a forma rigida, atravessada ao canto da sala.

Antes que Jack lhe pudesse lançar a mão, Edna correu em direcção ao morto.

— Papae, papae! — disse, soluçando. — Paesinho, paesinho adorado! — supplicava, puxando pelo hombro o homem tombado, a quem, finalmente, voltára sobre as costas.

Era George Potter!

Já o sol, com os seus dedos brancos, varava a derradeira penumbra da noite, quando se fez, por fim, um pouco de luz e paz no solar dos Morriss.

Potter, ao que parece, penetrára na bibliotheca pouco depois que o senador Dart se retirára para casa, para ver o que podia fazer em relação á fuga dos dois jovens. William Morriss correra ao seu telephone. Ausentes os dois, Dodd, o velho copeiro da casa, entrára na bibliotheca para deixar uns telegrammas quando ali se lhe deparára George Potter, que logo ameaçára matal-o se elle désse alarma da sua presença na casa. Dodd recusára guardar silencio, receioso dos olhos desesperados do intruso, e dahi se originára uma luta, no correr da qual o copeiro matára Potter em defesa propria.

Dodd correra a chamar a policia e o senador Dart entrára na sala para encontrar, prostrado no chão, aquelle que tomára pelo seu amigo. Ficára a guardal-o até Dodd voltar com a policia. Fôra então que tinham chegado Edna e Jack.

Depressa acudiu a policia que acceitou a versão clara e logica de Dodd, a respeito da morte de Potter, ha muito reclamado pela justiça.

Removido o corpo, suscitou-se a questão de saber se Edna e Jack tinham incorrido em bigamia ou se tinham casado legalmente.

— A ceremonia, — explicou Jack, — foi effectuada á meia-noite em ponto. Ser-me-á facil proval-o. Além do que, recordo-me de ter olhado para o relogio quando o ministro estava falando e de ter então reflectido que jámais se apagaria da minha recordação a hora bizarra em que me unira a Edna.

— Agora, resta que tu te recordes, — disse Morriss ao copeiro, — da hora exacta em que fizeste fogo.

Dodd esfregou, penosamente, os olhos. No seu cerebro, misturavam-se numa dolorosa confusão, todas as horas daquella noite de horror. Não lhe pesava na mente todo o resto de sua vida como lhe pesavam aquellas duas horas que acabavam de passar.

— Não, não me posso recordar, senhor, — disse, confuso. — Não olhei...

— Que horas eram quando, pela ultima vez, olhaste para o relogio? — perguntou o senador.

Dodd reflectiu.

— Deviam ser doze menos quinze, — disse, porque os telegrammas chegaram ás onze e trinta e occorreu-me pol-os em cima da secretária do sr. Morriss para que elle os visse logo de manhã., e elle então deu um tiro, um tiro que bateu em qualquer parte, no interior da sala... Tenho a certeza...

Olhou em volta, e, de repente, os seus olhos fixaram-se no velho relogio ancestral, silencioso, junto á parede.

— Olhe! — disse com vehemencia. — A bala do revólver delle bateu no relogio e fel-o parar. Faltavam cinco minutos para as doze!

Edna voltou-se, então, para seu pae, que se mantivera na porta, immovel, rigido, os olhos esbugalhados.

— Vês, papae? Afinal, está tudo direito! Mas foi um erro não nos teres dito! Quizeste guardar tudo comtigo, soffrer sósinho, não foi? Agora, porém, nada mais ha que nos possa affligir, e faremos, todos juntos, a viagem da lua de mel: tu, papae Dart, Jack e eu...

William fixou com um suspiro de allivio o doce semblante da menina, e beijou-a...

Ao canto da sala, com os dedos tremulos, o velho Dodd ageitava o relogio, em cuja caixa encontrou a bala perdida que o devia matar. Ajustou o machinismo, cerrou a porta de vidro e, como um presságio feliz, o velho regulador repetiu, no silencio do ambiente, uma após outra as doze pancadas da meia-noite!

TRAGICO TRANSE

(Fim)

Vivacidade de espirito, caracter voluntarioso e extravagante, desprezo por tudo que não fossem seus prazeres, Helen era um caso de precocidade que deixava apprehensiva sua irmã. Mas Sybil, lembrando-se dos ânnos que a pobre creança passára amarrada ao leito, achava de certo modo justa a sêde com que a moça se atirava á vida. Com George, as coisas eram, mais ou menos, iguaes, embora lhe faltassem os mesmos motivos que a Helen. Dissipador, sem escrupulo nas companhias, ainda assim Sybil o desculpava. Era tão creança...

De Roberto nunca mais tivera noticias. Uma manhã, porém, Sybil o encontrou casualmente. Era na primavera e ella parára diante da vitrine de um florista, para admirar os junquilhos e as primeiras margaridas. A' vista daquellas flores despertou-lhe doces recordações. Era uma paisagem de montanha... um ar claro e diaphano... vozes de passarinhos no arvoredo... o atalho estreito... o nascer do sol... o luar de prata na fimbria do lago... e uma figura delgada e alta, com um sorriso bom no rosto queimado pelo sol da montanha...

Foi do enlevo desse devaneio que veiu elle arrancal-a, uma vez, a pronunciar o nome:

— Senhora Bruce!...

Era Roberto, justamente.

E daquelle dia em diante, Sybil sentiu que, como outr'óra, na montanha, alguma coisa mais do que a felicidade dos seus irmãos a interessava na vida.

Tendo Sybil convidado Roberto a frequentar sua casa, o mancebo acceitou, de bom grado, o convite, continuando, depois de tão longo tempo, as suas visitas. Não era preciso mais para que ambos comprehendessem que estava irresistivelmente vivo um sonho, que, aliás, nenhum delles fizera qualquer esforço para reviver. As influencias mysteriosas do que chamamos *acaso* os puzeram um defronte do outro.

Uma tarde, Roberto, durante o chá, na doçura do crepusculo, perguntou a Sybil se ella queria ser sua esposa. Sybil ia dar-lhe o cubiçado "sim" quando ouviu a voz de Helen. Diante dos seus olhos ergueu-se, inexoravel, a clausula do testamento e tudo que de sacrificio representaria para os seus irmãos a justa satisfação do seu sonho ardente.

— Dá-me tempo para pensar, Roberto. Amanhã, no jantar de Caldwell te farei saber... tu saberás...

— Como, querida?

Pelo meu vestido — respondeu ella. — Se eu estiver muito simples, saberás que vou ser a esposa de um doutor... se estiver esplendida e extravagante, comprehenderás que... que eu não posso abandonar os "pequenos".

No dia seguinte, Acton teve uma grande decepção: Sybil apresentava-se num rico vestido de "chez Paquin", de Paris, e magnificamente coberta de joias.

Terminado o jantar, ella contou a Roberto que, fazendo sua "toilette", escolhera um vestido simples, que era a resposta favoravel, mas Helen, ao saber da significação, entrára numa crise de nervos e só se acalmára quando ella lhe prometteu que o dinheiro de Geoffrey continuaria a fazer parte do seu patrimonio. Nessa mesma occasião, apparecia George, exigindo vinte e cinco mil dollars, ameaçando suicidar-se se não obtivesse o dinheiro, pois estaria com a reputação arruinada.

Acton, delicada e amorosamente, admoestou Sybil, demonstrando que ella não estava fazendo a felicidade de seus irmãos, porém, causando-lhes mal, que, dentro em pouco, seria irremediavel. E como Sybil relutasse, Acton acabou declarando que ella propria é quem não queria se privar do dinheiro do defunto marido.

Sybil, depois desse incidente, procurou esquecer Roberto. Acceitou a côrte que lhe fazia Sir Francis Maynard, esperando que esse fidalgo rico offerecesse a solução da sua vida. Mas Sir Francis não a queria para esposa e sim para amante: confessou-lhe isso no encontro que tiveram. Sybil teve um grande desapontamento e chorou. Voltou á casa triste e abatida, e, chegando, encontrou um recado de Helen, prevenindo-a vagamente de que passaria a noite fóra, com "alguns amigos". Sybil ficou indignada e sentiu que era muito moça para dirigir seus irmãos, que já não eram mais creanças e haviam tomado o freio nos dentes. Em todo caso, restava George, que era um pouco desajuizado, mas isso era da edade. Vicios elle não tinha. Sybil pensava isso dirigindo-se para o seu quarto, onde, ao entrar, percebeu um vulto debruçado sobre a sua caixa de joias. Sybil ligou a luz e... viu George. O ladrão era o seu proprio irmão!

Sybil, com o terrivel choque moral recebido, desmaiou.

Quando ella recobrou os sentidos, Acton estava a seu lado. E ella se lamentou, dizendo que não podia continuar só... precisava de alguem. Acton falou-lhe, novamente, em casamento. Porém, Sybil respondeu que não, que poderiam arranjar as coisas sem o casamento.

Acton de um salto da cadeira onde se achava sentado, ao lado do leito da moça.

— Foi a isso que te reduziu o dinheiro? — exclamou elle.

Nesse momento, o telephone chamou. Era a velha negra Minnie que communicava que Helen estava num *cabaret*, embriagada. E Sybil, angustiada, pensou nos tremendos effeitos do dinheiro de Geoffrey — a irmã, embriagada; e o irmão, ladrão!

E, voltando-se para Roberto, ella proferiu:

— Vejo melhor, agora, Roberto. Eu matei Geoffrey para possuil-o...

Mas a velha negra interrompeu:

— Não, minha doçura, você não matou *seu* Geoffrey quando você deu a digitalis já elle estava despachado ha muito tempo. Eu o vi com a menina Helen e não podia deixar aquelle perigo em casa. Botei veneno mata-rato no seu frasco de remedio. O negocio foi assim.

George chamou a irmã, dizendo com um tremor na voz:

— Vamos Helen... agora já é tarde para nós...

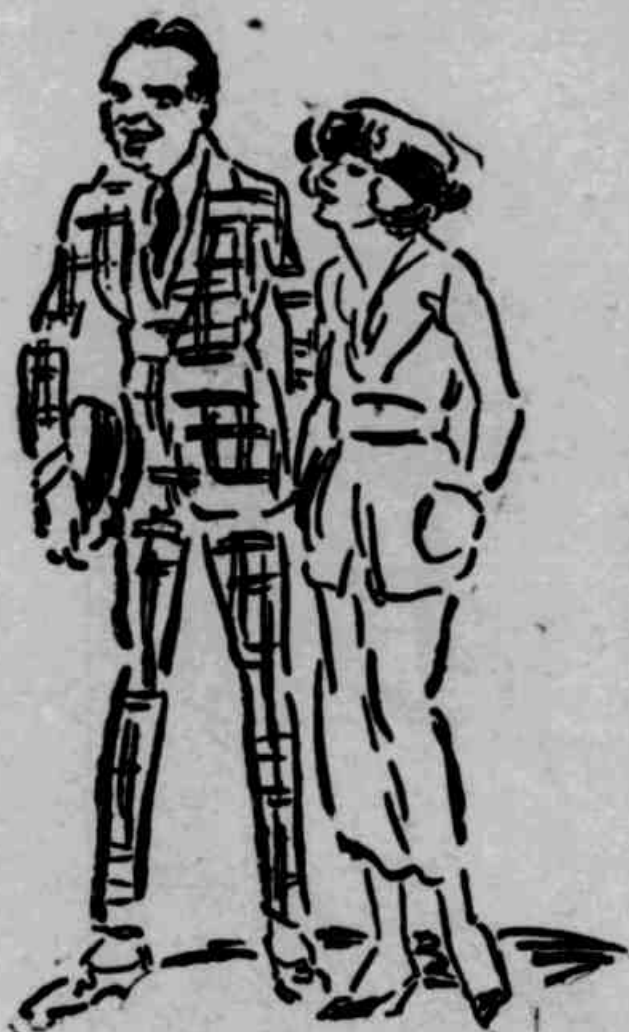
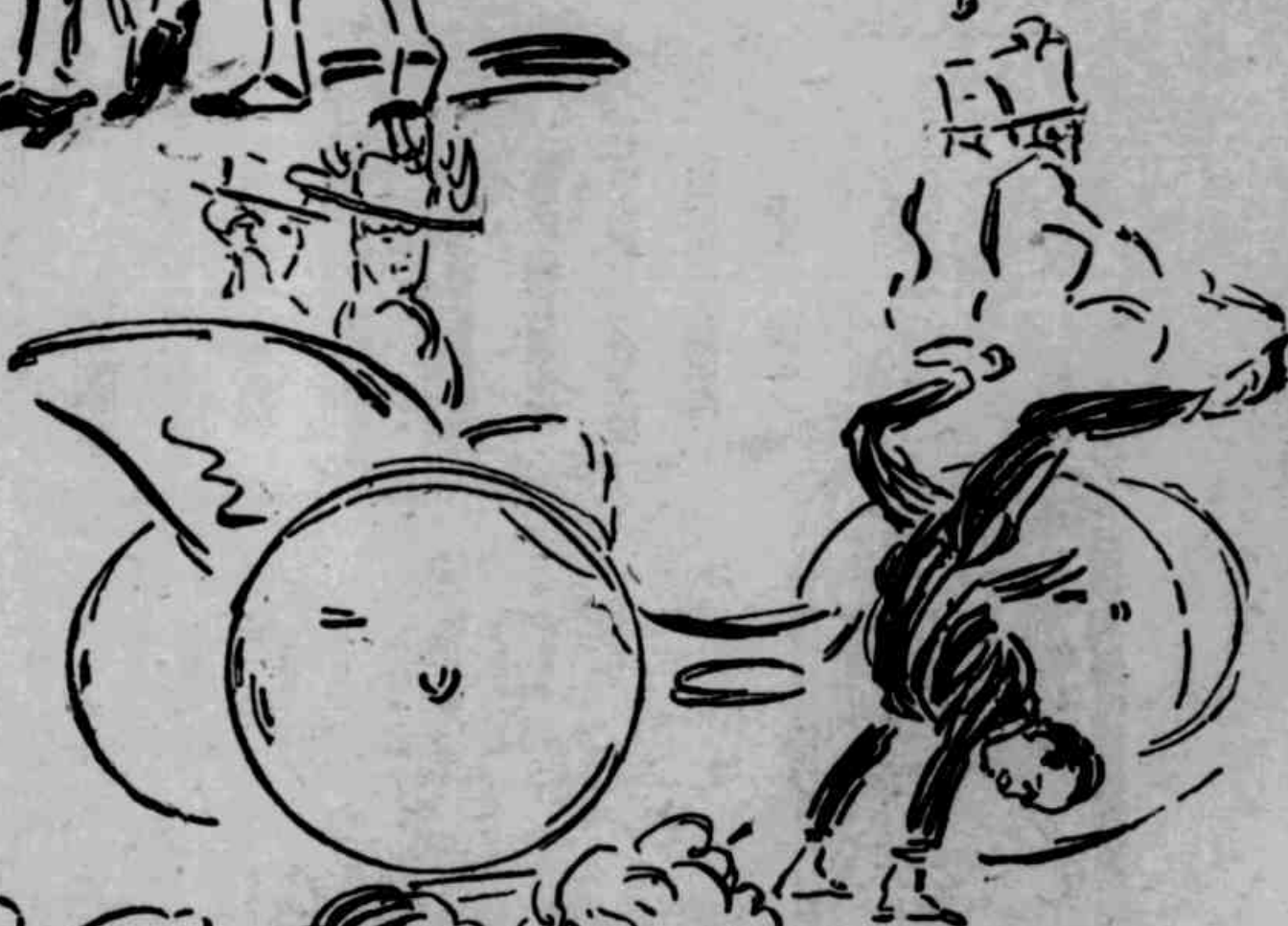
Porém, Sybil, com voz meiga, interrompeu:

— Não, George; não é tarde para nenhum de nós... o amor é melhor do que o dinheiro.

A viagem dos astros de cinema á Europa

Um jantar na intimidade

Como os amadores de cinema na Europa esperavam ver Pickford, quando esses dous artistas viajavam pelo Velho Mundo.

Douglas indo ver ás horas no relogio de Westminster,

E como na realidade os viram

Douglas saudando os reis da Inglaterra.

A influencia dos cachos da Mary na velha Europa

AS NOSSAS CAPAS

Attendendo a numerosos pedidos, damos abaixo a relação exacta das nossas capas até aqui publicadas.

1.ª — George Walsh.
2.ª — Mary Pickford.
3.ª — Dorothy Gish.
4.ª — June Caprice.
5.ª — Lila Lee.
6.ª — Wallace Mc. Donald.
7.ª — Mae Murray.
8.ª — Carmel Myers.
9.ª — Dorothy Phillips.
10.ª — Ruth Clifford.
11.ª — Violet Mersereau.
12.ª — Franklyn Farnum.
13.ª — Priscilla Dean.
14.ª — William Farnum.
15.ª — Margueritte Clark.
16.ª — Irene Castle.
17.ª — Eddie Polo.
18.ª — Dorothy Dalton.
19.ª — Monroe Salisbury.
20.ª — Juanita Hansen.
21.ª — Constance Binney.
22.ª — Bessie Love.
23.ª — Wallace Reid.
24.ª — Theda Bara.
25.ª — Bryant Washburn.
26.ª — Mary Osborne.
27.ª — Miriam Cooper.
28.ª — Tom Mix.
29.ª — Pearl White.
30.ª — Ethel Clayton.
31.ª — Creighton Hale.
32.ª — Ruth Roland.
33.ª — William Russell.
34.ª — Virginia Pearson.
35.ª — Antonio Moreno.
36.ª — Elsie Ferguson.
37.ª — Robert Warwick.
38.ª — Vivian Martin.
39.ª — Dorothy Dalton.
40.ª — Leonor Rodigheiro.
41.ª — William Hart.
42.ª — Norma Talmadge.
43.ª — René Cresté.
44.ª — Lydia Borelli.
45.ª — Carlyle Blackwell.
46.ª — Clara K. Young.
47.ª — Harry Carey.
48.ª — Enid Markey.
49.ª — Francis Bushman.
50.ª — Constance Talmadge.
51.ª — Douglas Fairbanks.
52.ª — Gladys Brockwell.
53.ª — Harry Liedtke.
54.ª — Dorothy Gish.
55.ª — Thomas Meigham.
56.ª — Gloria Swanson.
57.ª — Douglas Mac. Lean.
58.ª — Scena Owen.
59.ª — Charles Ray.
60.ª — Pola Negri.
61.ª — Frank Keenam.
62.ª — Alice Brady.
63.ª — Elinor Fair.
64.ª — Henny Porten.
65.ª — Mae Marsh.
66.ª — Billie Burke.
67.ª — Shirley Mason.
68.ª — Geraldine Farrar.
69.ª — Lilian Gish.
70.ª — Leah Baird.
71.ª — Olive Thomas.
72.ª — Barbara Castleton.
73.ª — Marie Walcamp.
74.ª — Katherine Mac. Donald.
75.ª — Alla Nazimova.
76.ª — Marguerite de la Motte
77.ª — Viola Dana.
78.ª — Madlaine Traverse.
79.ª — Mia May.
80.ª — Eileen Percy.
81.ª — Marion Davies.
82.ª — Mary Mac. Laren.
83.ª — Helen Ferguson.
84.ª — Mabel Normand.
85.ª — Alice Lake.
86.ª — Josephine Hill.
87.ª — Catherine Calvert.
88.ª — Beverly Bayne.
89.ª — Kathleen O'Connor.
90.ª — Theodore Roberts.
91.ª — Enid Bennett.
92.ª — Milton Sills.
93.ª — Mae Marsh.
94.ª — Bert Lytell.
95.ª — Pola Negri.
96.ª — Tom Moore.
97.ª — Pina Menichelli.
98.ª — Wm. Desmond.
99.ª — Dorothy Phillips.
100.ª — Jack Pickford.
101.ª — Norma Talmadge.
102.ª — Forrest Stanley.
103.ª — Edith May.
104.ª — Herbert Rawlinson.
105.ª — Betty Blythe.
106.ª — Charles Hutchinson.
107.ª — Anne Luther.
108.ª — George Chesebro.

109.ª — Norma Talmadge.
110.ª — Richard Barthelmess.
111.ª — Italia Manzini.
112.ª — Monte Blue.
113.ª — Mary Pickford.
114.ª — Elliot Dexter.
115.ª — Helen Chadwick.
116.ª — Will Rogers.
117.ª — Doris May.
118.ª — Douglas Fairbanks
119.ª — Priscilla Dean.
120.ª — Rudolph Valentino.
121.ª — Wanda Hawley.
122.ª — Jack Holt.
123.ª — Agnes Ayres.
124.ª — Jack Perrin.
125.ª — Betty Compson.
126.ª — Clyde Filmore.
127.ª — Gloria Swanson
128.ª — Dustin Farnum.
129.ª — Lois Wilson.
130.ª — Pat O'Malley.
131.ª — Noami Childers.
132.ª — Harold Lloyd.
133.ª — Alice Joyce.
134.ª — Sessue Hayakawa.
135.ª — Fern Andra.
136.ª — Frederick Burton.
137.ª — Huguette Duflos.
138.ª — Gareth Hughes.
139.ª — Virginia Faire.
140.ª — Hobart Bosworth.
141.ª — Norma Talmadge.
142.ª — Frank Mayo.
143.ª — Mary Pickford.
144.ª — Douglas Fairbanks.
145.ª — Fannie Ward.
146.ª — William Hart.
147.ª — Lilian Gish.
148.ª — George Bekan
149.ª — Dorothy Gish.
150.ª — Eugene O'Brien.
151.ª — Gladys Walton.
152.ª — Antonio Moreno.
153.ª — Justine Johnstone.
154.ª — Hope Hampton.
155.ª — Wiliam Farnum.
156.ª — Marion Davies.
157.ª — Art Accord.
158.ª — Elaine Hammerstein.
159.ª — Wesley Barry.
160.ª — Betty Compson.
161.ª — Herbert Rawlinson.
162.ª — Alice Calhoun.
163.ª — Jackie Coogan.
164.ª — Dorothy Dalton.
165.ª — Eric Von Stroheim.
166.ª — Ruth Roland.
167.ª — Lionel Barrymore.
168.ª — Malvina Longfellow.
169.ª — William Hart.
170.ª — Pola Negri.
171.ª — George Walsh.
172.ª — Pauline Frederick
173.ª — Tom Mix.
174.ª — Priscilla Dean.
175.ª — Charles Chaplin.
176.ª — Mae Murray.
177.ª — Cullen Landis.
178.ª — Corinne Griffith.
179.ª — Theodore Roberts.
180.ª — Rudolph Valentino.
181.ª — Bebé Daniels.
182.ª — Richard Dix.
183.ª — May Mc. Avoy.
184.ª — Frank Mayo.
185.ª — Justine Johnstone.
186.ª — Emil Jannings.
187.ª — Billie Burke.
188.ª — Charles Ray.
189.ª — Virginia Valli.
190.ª — Jackie Coogan.
191.ª — Agnes Ayres.
192.ª — Harold Lloyd.
193.ª — Betty Compson.

E' O UNICO DEPURATIVO ATE' HÓJE USADO NOS HOSPITAES

A maior descoberta para a SYPHILIS
O ELIXIR "914"

Unico especifico proprio para as creanças

—x—

Illmos. Srs. Galvão & C.
S. Paulo.

Attesto que tenho usado em diversos doentinhos deste Hospital o ELIXIR 914 com magnificos resultados, sobretudo num caso de eczema generalisado que estava em tratamento ha já muitos mezes e que no fim do terceiro vidro do ELIXIR 914 apresentava-se curado.

(Assignado) *D.na Celesa P. Soares. Directora do Hospital das Creanças Cruz Vermelha Brasileira*
(Firma reconhecida)

A' venda em todas as pharmacias e drogarias do Brasil.

Depositarios Geraes : Galvão & C.—Avenida S. João, 145—S. Paulo

O ELIXIR 914

PORQUE E' O UNICO QUE NÃO ATACA O ESTOMAGO

Porque é o unico que combate a Syphilis. Evita os abortos e a tuberculose nos individuos atacados de Syphilis. 90 °|° dos individuos que têm Syphilis estão propensos a tuberculose. Cada 10 nascimentos 9 crianças nascem mortas quando os paes são Syphiliticos. Não ha mais duvidas sobre o effeito do Elixir 914. A prova é que está sendo usado nos hospitaes. Não se deve tomar depurativos sem experimentar o Elixir 914. Substitue com vantagem o Xarope Gibert e Deret. Em todas as
—— Drogarias do Brasil ——

Bom Dia!

V. S. nunca conhecerá o prazer dum perfeito estomago, senão quando finalmente se decidir a tomar as

PASTILHAS do Dr. RICHARDS

Estas scientificas pastilhas tornarão saudavel o seu estomago, ajudarão a sua digestão, e darão um bom appetite, melhor do que V. S. nunca teve. Tome-as hoje.

ELIXIR DE
INHAME

DEPURA
FORTALECE
ENGORDA

Leitura para todos é o magazine mensal por excellencia. A abundante e escolhida materia de seu texto attrahente vem intercalada de finissimas trichromias.

Preço: no Rio, 1$500; nos Estados 1$700.

DEPILATORIO
DELATONE
O MELHOR E MAIS EFFICAZ
[illegible]
G. OSSOP & C.
Caixa Posta 265 [illegible] Janeiro
Preço pelo correio, porte pago
[illegible] por vidro

DE GRANDE VALOR PARA OS ESCOTEIROS SERA' O — ALMANACH D'"O TICO-TICO" PARA 1923

Dr. Ariano de Carvalho

PÓ DE ARROZ RENY

Adherente e perfumado. Caixa grande 2$500, pelo correio 3$500 ; caixa pequena 600 réis, pelo correio 1$000.

LOÇÃO RENY

Elimina a caspa e evita a quéda dos cabellos. Vidro 5$500 pelo correio 8$000.

DEPIL

Unico liquido que tira o cabello em cinco minutos. Vidro pequeno 5$000, grande 10$000, pelo correio, 8$000 e 12$000.

AGUA BALSAMICA RENY

Perfume das orientaes. Algumas gottas perfumam um banho. Vidro pequeno 5$000, grande 8$000, pelo correio 8$000 e 12$000.

MAGALHÃES & LOBO

Rua Marechal Floriano Peixoto, 17---Sobrado

Offs. Graphicas d'O MALHO